

Em questão,
a independência
da Namíbia

O embaixador da
África do Sul
acusa a SWAPO
Leia na página 8.

Campus

Jornal do Departamento de
Comunicação da UnB

Nº 44

Segunda Quinzena

outubro de 1982

Em debate,
a reforma
da Carta

Especialistas
debatem a reforma
de Constituição.
Leia na página 9.

Greve geral pode parar a UnB

Assembléias de professores e
alunos podem decidir hoje pela
paralisação das aulas na UnB.
Reportagem completa nas
páginas 6 e 7.



Governo e imprensa, aumentam as tensões

Manoel Vilela de Magalhães*

Pelos registros do noticiário, o relacionamento entre a imprensa e o Governo não atravessa uma fase muito favorável e disso seriam exemplos concretos alguns atritos do Presidente João Figueiredo com repórteres. O desentendimento mais sério teria sido, por esta angulação, o registrado em Natal, no Rio Grande do Norte, onde o repórter quis saber se Leonel Brizola teria a sua posse garantida, na hipótese de vitória nas eleições para a sucessão fluminense.

Há muitas queixas dos jornalistas, que não se conformam com as dificuldades para o exercício da atividade diária de cobertura. Eles acham até mesmo que vai ser muito difícil o restabelecimento de um clima de maior cordialidade, com o acesso às fontes mais facilitado ou, pelo menos, não dificultado.

Esse clima faz lembrar uma observação do jornalista James Reston, hoje diretor do The New York Times e, por muitos anos, responsável pela cobertura junto ao Departamento de Estado norte-americano. Num livro de sua autoria ("Artilharia da Imprensa"), Reston lembra que as dificuldades para o livre exercício da atividade jornalística não devem causar espanto, pela notória diferença de comportamento entre o homem público e o homem de imprensa. De um lado, o do governante, a característica marcante é a da existência de um clima de tranquilidade para o exame em profundidade de programas e problemas. No lado oposto, o do jornalista, o debate se envolve com linhas, colunas, espaço, tempo, numa corrida contra o relógio.

Apesar dessa diferença, Reston considera impossível um divórcio entre esses dois profissionais, um dependente do outro para o bom desempenho de suas atividades. Isto significa que o homem de governo não pode prescindir dos meios de comunicação para veicular suas idéias e realizações, enquanto o jornalista, com a responsabilidade de informar o público, encontra o setor governamental as suas melhores fontes.

É possível que o desencontro do momento esteja ocorrendo apenas em função do próprio desenvolvimento dos veículos noticiosos, cada vez mais velozes e modernos. Já não basta lançar o mero registro dos fatos para acionar as engrenagens desse fascinante complexo formado pelo mundo das comunicações. Ao contrário, o papel da imprensa é já agora o de interpretar os fatos, como exigência moderna das populações. E aí, então, pode ocorrer que, ao ouvir de um porta-voz que o tempo está nublado, o jornalista resolva escrever que **seguramente vai chover**, interpretação nem sempre aceita pelo homem de governo que, ao invés de acompanhar a evolução dos tempos, prefere parar.

Esses desencontros entre o Presidente e a imprensa, prejudiciais à Nação, que fica desinformada, ocorre provavelmente por causa do enfoque jornalístico. Os repórteres, particularmente, procuram tirar o melhor proveito dos encontros, embora breves, que as viagens aos Estados lhes proporciona, pois só nessas ocasiões conseguem mais perto do chefe do Governo, nos intervalos de solenidades.

Qualquer enfoque mais enfático, oferecendo ao leitor uma interpretação dos fatos, é visto como distorção e isso acaba contribuindo para agravar o relacionamento entre as partes.

O grande desafio agora é saber como restabelecer os vínculos desfeitos. Caberia à Secretaria de Imprensa e aos assessores mais próximos do Presidente um exame crítico do problema, em favor de um fluxo razoável de informações. A Nação provavelmente optaria por uma abertura mais ampla dos canais informativos do Planalto, mesmo sem o rompimento total das regras em geral duras que conduzem a convivência com os setores de comunicação social do Planalto.

Seria uma tolice imaginar como verdadeiras algumas versões fantasiosas, segundo as quais o Presidente está definitivamente rompido com os jornalistas. Esta seria uma figura absurda e indesejável: a imprensa, como o Presidente, atua em nome da coletividade e a obrigação das duas partes, no caso, é a de informar bem à opinião pública.

Justiça cega, Ministro surdo

A Justiça é cega e o Ministro surdo. Apenas isto explica o fato do sr. Ibrahim Abi-Ackel ter declarado que não há violência na campanha eleitoral, enquanto que os jornais mostram, todos os dias, o crescimento da onda de violência. No Paraná, na última semana houve vários atentados, inclusive a morte do candidato a Deputado Federal pelo PMDB, Heitor de Alencar Furtado. As mortes são cada vez mais frequentes. Quantos mais haverão de morrer para que tanto o Governo como a polícia tomem providências e comecem a apurar os atentados? Será que a fátia de poder reservada a todos eles é assim tão boa que se matem assim friamente? (Terezinha Silveira, Campus)



Pontos para a Nicarágua

Dois a zero para a Nicarágua no primeiro set (já que a moda é o vôlei) do jogo de resistência do regime sandinista contra adversários liderados pelos Estados Unidos. Primeiro ponto de bloqueio: paulatinamente os países da América do Sul intensificam seu comércio com a Nicarágua. O Brasil assinou um contrato de vendas de ônibus, além de outros itens de transporte, como tratores e implementos agrícolas. Segundo ponto de cortada: a representação nicaraguense na ONU conseguiu ser eleita para representar os latinos no Conselho de Segurança, apesar da tentativa de bloqueios dos Estados Unidos. O pequeno país centro-americano teve sua bola levantada pelos países do Terceiro Mundo que, dessa maneira, mostram mais uma vez a insatisfação diante da atual política econômica das nações ricas. Junto com ele, fazendo o corta-luz, subiu o bloco de países latinos, que assim mostrando quem eles consideram um símbolo dos problemas que assolam a América Latina, ainda ressentida pelo comportamento norte-americano durante a crise das Malvinas. (James Allen, Editora Internacional)

Descaso cultural

Quem, na UnB, está realmente preocupado com a cultura univer-

MURO

sitária? Não muitos e, ao que tudo indica, pelo menos três dos cinco candidatos a Diretor de Cultura — incluídos nas chapas que concorrem ao DCE — não fazem parte dessa pequena lista. Isso que deixaram transparecer na última quarta-feira, ao faltarem ao encontro promovido pelo Campus entre a Comissão de Cultura do DCE e os cinco candidatos, com o objetivo de discutir a cultura na universidade e repensar a Comissão de Cultura. Além dos membros mais ativos da Comissão, só compareceram ao encontro a candidata da chapa Semea, Cândida Maria Mello; e o da Transformação, Carlos Roberto Bergamaschi. Os demais, confirmaram presença e faltaram. (Hugo Studart, Campus)

Viagem oportuna

No fundo, no fundo, as críticas do reitor José Carlos Azevedo ao MEC, na sua recente entrevista à Folha de S. Paulo, na questão da liberação de verbas para o ensino superior, não atingiram a ministra Esther de Figueiredo Ferraz, mas sim o ex-titular da pasta, general Rubem Ludwig, hoje "promovido" a Chefe do Gabinete Militar. Daí a causa da última viagem do reitor a Nova Iorque, até hoje não muito bem esclarecida: teria sido uma fuga. (Marcelo Vieira, Comunicação)

Um café muito gordo!

Possivelmente para tentar "explicar" suas "últimas" decisões econômicas, o Ministro Delfim Netto está trazendo a Brasília grupos de jornalistas dos Estados, aos quais concede "exclusiva" entrevista durante o que os agentes financeiros internacionais chama de "breakfast" e que é a mesma coisa que o nosso prosaico café da manhã. Esses desjejuns costumam ocorrer às quartas-feiras. Por exemplo, na última quarta-feira, dia 20, foi a vez da imprensa do Paraná. Por cortesia da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, nada menos que 18 jornalistas paranaenses deslocaram-se para Brasília, a fim de "entrevistar" o Ministro Delfim. Supondo-se que todos vieram de Curitiba (ida e volta, via aérea, aproximadamente 50 mil cruzeiros), e sabendo-se que hospedaram-se no Hotel das Américas (diária aproximada de 12 mil cruzeiros, sem uísques e outras mordomias), podemos estimar o "breakfast" delfiniano em cerca de 1 milhão e 200 mil cruzeiros. Como as próprias autoridades governamentais não nos deixam esquecer que é tempo de apertar os cintos, para entender um café, da manhã tão pouco "econômico" só mesmo lembrando que o Ministro Delfim tem cintura grossa. (Murilo Ramos, Campus)



Falta de interesse

Você que é formando de Comunicação tem encontro marcado toda sexta, às 9h30m, no C.A.Lá certamente estarão três ou quatro pessoas que tomarão a si a organização da nossa formatura, enfrentando dificuldades justamente por falta de ajuda dos outros formandos que insistem em não comparecer. Já estão sendo organizadas comissões para resolver os problemas, porém é imprescindível que cada formando contribua mensalmente com 500 cruzeiros para a "caixinha" de formatura os quais devem ser pagos à Bernadete (a maioria não pagou). Se persistir o quorum obtido até agora nas reuniões, o que for decidido deverá ser acatado pelos outros formandos, que além de não comparecerem, ora vejam só, discordam das decisões tomadas. Atenção: dia 27, quarta-feira, haverá uma noite musical no Amigos (105 Norte). Qualquer pessoa pode comprar seu convite a Cr\$ 300 no C.A. da Comunicação. (Débora Maroja, Comunicação)

Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Editor-chefe: Prof. Murilo Ramos. **Secretário de Redação:** Bartolomeu Rodrigues. **Editores:** Leticia Borges (UnB), Rossana Alves (Internacional), Terezinha Silveira (Nacional), Ana Lúcia Guimarães (Esporte), Armando Bulcão (Fotografia), Diagramação: Ailton Maia (professor convidado).

Redação: Ana Vera Furquim, Antônio Claret de Souza, Eduardo de Oliveira, Eugénia França, Hugo Studart, James Allen, James Gama, Jânio Carlos, Lilian Vera, Carmem Moretzsohn, Maria Luíza Brígido, Mara Régia, Miréa Santos, Nelson Luiz, Pedro Paulo Eleutério, Ricardo Bandeira, Sandra Tibana, Virgínia Meireles.

* O professor Manoel Vilela de Magalhães é Redator de O Estado de S. Paulo, autor de Produção e Difusão da Notícia, já tendo coberto o Palácio do Planalto para seu jornal

Educação: um modelo dependente

Bolsa dá mais trabalho do que estudo

A necessidade de conciliar trabalho e estudo, se não é uma questão prioritária para a maioria dos dirigentes universitários, pelo menos é uma velha conhecida. Convivendo com uma inflação que já chegou a ultrapassar a casa dos 100%, há muito o estudante não desfruta da situação vantajosa de dedicar-se exclusivamente aos livros. Assim, muitos procuram dentro da Universidade meios que proporcionem alguma fonte de renda.

Nesse aspecto, destaca-se o Programa Universitário do MEC, composto da Bolsa de Trabalho, da Bolsa de Trabalho/Arte, e de Esporte e Pesquisa. A Bolsa de Trabalho, "que não deve ser confundida com o Estágio, é um programa assistencial", explica Rosa Ferreira da Silva, chefe do Serviço de Mercado de Trabalho da UnB. Ela é concedida como um complemento para as despesas básicas dos alunos.

Quem não se incomodar de empurrar os intermináveis carrinhos de livros da Biblioteca, é candidato a uma bolsa de 7 mil e 500 cruzeiros. Para os selecionados a desempenhar atividades fora da UnB, é estipulada uma remuneração igual a duas vezes o valor de referência de 7 mil e 768 cruzeiros, reajustado em 30% este mês. A Secretaria de Viação e Obras, o Conselho Nacional de Petróleo, e órgãos do MEC são os que oferecem vagas, geralmente pouquíssimas.

EXPECTATIVA

É grande a expectativa em torno da seleção: "Nós fazemos um estudo sócio-econômico, analisamos aspectos de renda, número de pessoas da família, despesa com condução, vestuário", explica Rosa Ferreira. "No Conselho e Secretaria, os alunos desenvolvem trabalhos relacionados com seus cursos; já no MEC, as tarefas são genéricas", explica Rosa.

Mas, seria, realmente válido ocupar-se desses trabalhos genéricos, com duração de seis meses a até dois anos? "É legal. Lá pode chegar atrasado. O dinheiro já ajuda, serve para condução, para o Banheiro", diz Sheila, Estudante de Comunicação, bolsista no MEC. Para o Diretório Central de Estudantes, a remuneração é baixa e não corresponde às necessidades dos alunos, funcionando mais como meio de baratear a mão-de-obra. O DCE costuma citar casos de estudantes que têm conseguido até o triplo, atuando junto aos órgãos, sem intermédio da UnB. E defende ainda o reajuste da Bolsa de acordo com o INPC e a inflação.

ARTE

A Bolsa Trabalho/Arte é coordenada pela FUNARTE e executada pelo Serviço de Apoio Cultural da Diretoria de Assuntos Comunitários. Além de um professor orientador para cada bolsista, há uma comissão composta de professores, estudantes, presidida por Conceição Zotta, chefe do Serviço de Apoio Cultural. Shows musicais, trabalhos em xilogravura, peças teatrais, são alguns dos trabalhos já apresentados. Para Conceição, "há uma defasagem entre pensar e realizar. E muitas vezes o projeto dá em nada. A causa mais frequente disso é a desarticulação dos grupos ou problemas com a vida acadêmica".

Se por um lado, Conceição acha uma "pena" que a FUNARTE não tenha liberado verbas para a Bolsa de Esporte e Pesquisa, Flávio Montiel, Secretário-Geral do DCE, não se incomoda com o desativamento do programa neste semestre: "Há uma inversão das prioridades, pois existem as verbas da própria UnB, que deveriam ser distribuídas para o Ensino e a Pesquisa, e não para projetos distantes da realidade e sem utilidade prática, como o caso da Editora". (Eugênia França)



Arapiraca fez severas críticas ao "pacote" importado dos Estados Unidos, que gerou a reforma educacional.

Celestino Pires: A Filosofia não é para todos

A partir de março de 1983 a área de Humanidades contará com mais uma opção. Será finalmente reativado o curso de Filosofia, ministrado pelo Departamento de Geografia e História. O acesso ao curso dar-se-á, por enquanto, através de dupla-opção, e não pelo Vestibular. Ou seja, quem não tiver MGA igual ou maior que 3,9 não poderá cursar Filosofia.

O professor Celestino Pires, chefe do Departamento de Geografia e História, argumenta que esta foi a solução encontrada pela Reitoria da UnB para que apenas os "alunos capazes" tenham acesso à opção. Dessa forma, tentar-se-á evitar que só entrem para Filosofia, aqueles alunos que não consigam ingressar em outras opções de Vestibular. Segundo Celestino, este é o critério elitista, mas que se justifica pela "busca de qualidade". E acrescenta: "A Filosofia é uma planta rara; por isso a reflexão filosófica não é para todos".

REIVINDICAÇÃO

Desativado em meados de 73, "por falta de alunos e com um nível de qualidade bastante baixo", a graduação de Filosofia vem atender às reivindicações dos estudantes que, tendo cursado a maioria das matérias filosóficas, ainda oferecidas pelo Departamento de Geografia e História, não podiam concluir o curso. Agora, estes alunos poderão diplomar-se e trabalhar na área de estudos filosóficos ou no Magistério de 2º grau.

O professor Celestino Pires espera, ainda em agosto de 1983, começar a implantar a pós-graduação em Filosofia, primeiramente com um curso de especialização. Para 1984, está previsto o início do mestrado em "Filosofia e Metodologia das Ciências", e "História da Filosofia". (Rossana Alves)

Geografia e História salvas

"O projeto para transformar o curso de Geografia e História em Estudos Sociais está suspenso por enquanto". É o que afirma Simone, Secretária de Assuntos Acadêmicos do C.A. do Departamento de Geografia e História. Para ela, o conselheiro Natanael, autor do projeto, está equivocado em suas considerações quando diz que não há necessidade de existir historiadores, podendo este tipo de trabalho ser feito por sociólogos. "Isso é um absurdo. Esse tipo de idéia demonstra falta de conhecimento de pesquisa e método".

Outro ponto abordado por Simone, é a falta de professores na Universidade. Como exemplo, ela cita a disciplina Introdução ao Estudo da História, que provavelmente terá uma só turma no próximo semestre, apesar de ser matéria obrigatória para vários Departamentos. Atualmente as turmas estão sobrecarregadas, com mais ou menos 80 alunos. Além disso muitas pessoas não podem se formar porque as disciplinas que faltam para terminar o curso não são oferecidas por falta de professores.

Alvaro Roberto, membro do C.A. da Geografia, acha a falta de professores um problema crônico no seu Departamento. "se não mudar a política atual", afirma, "provavelmente teremos seis professores dando aulas no próximo semestre, quando o número mínimo deveria ser 11". Segundo Alvaro, o argumento principal do reitor para a não-contratação de professores, não é falta de verbas ou recursos, mas a falta de bons currículos.

Para discutir estes e outros problemas, o C.A. do Departamento de História está pensando em realizar um fórum de debates ainda neste semestre. (Eduardo de Oliveira)

"O governo encomendou aos Estados Unidos, através da Aliança para o Progresso, um pacote de reformas para a educação brasileira que ia desde o ensino primário até a pós-graduação". A afirmação é do professor baiano José Arapiraca, que participou em Brasília, de 20 a 23 de outubro, do Seminário "Educação Brasileira", promovido por alunos da Faculdade de Educação, pela Associação Nacional de Pesquisa de Pós-graduação em Educação e pelo Sindicato dos Professores do DF.

Arapiraca acentuou a importância do acordo, firmado em 1963 entre o MEC e a Aliança para o Progresso (USAID), visando reformulação do ensino brasileiro em todos os níveis. O resultado foi a implantação da chamada "escola única", que se reflete no aparecimento do 1º grau, no ensino profissionalizante de 2º grau e na reforma universitária. Ainda em 68 apareceriam, sempre sob a inspiração da USAID, os cursos de Pós-graduação.

IMPORTAÇÃO ACRÍTICA

Para o professor baiano, o modelo de educação implantado no país seguiu as linhas daquele implantado em toda a América Latina. As experiências produzidas nos Estados Unidos foram trazidas para o Brasil sem sofrer nenhuma crítica. Os cursos profissionalizantes são, por exemplo, uma cópia do trabalho desenvolvido no sentido de absorver, mais rapidamente, as minorias americanas no mercado de trabalho.

"Esse modelo, implantado de forma acrítica e sem nenhuma participação da sociedade, está ruindo. Basta ver os índices de reprovação na 1ª série do 1º grau, que chegam a 46%", afirmou o professor Arapiraca. Ele continuou: "A única forma de mudar o sistema educacional é redirecionar a sociedade através da participação política. O 15 de novembro está aí para isso. A Universidade tem que sair à rua. Vamos parar de constatar e partir para a ação".

MAIS OPINIÕES

Jacques Velloso, professor de educação da UnB, sustentou que a nossa escola reflete as contradições da sociedade, e, ao mesmo tempo, atua como mediadora dos conflitos sociais. Por isso, "o modelo americano de escola única que chegou a uma sociedade de classes desigual como o Brasil destinou-se a legitimar a própria desigualdade, camuflando-a". Velloso faz uma advertência: "Estamos caminhando para a reforma da reforma da educação. Mas, se ela não contar com a participação da sociedade civil estará fadada à falência".

A professora Helene Barros concordou com Velloso e acrescentou novos dados ao problema. Para ela, os meios de comunicação de massa tem uma influência muito forte na educação formal. No entanto, essa influência não está sendo reconhecida. "Quando se der a verdadeira dimensão dos meios de comunicação no processo educacional, o ensino formal estará acabado".

Num ponto concordaram Arapiraca e Helene: a escola sozinha não pode resolver os problemas sociais. "Os educadores têm pecado por isolar a escola do meio social. As experiências lá fora são muito mais enriquecedoras, por isso a educação deve ser voltada para a vida, para o compromisso social", finalizou Helene. (Rossana Alves).

Resenha

Salão

O IV Salão Universitário do DF, promovido pela UnB com a colaboração de instituições da comunidade brasileira, está com inscrições abertas na Zeladoria da Biblioteca, de 9 às 12 e de 15 às 18 horas, até o dia 29 de outubro. O Salão será realizado entre 8 e 21 de novembro na Sala de Exposições da Biblioteca. Poderão participar todos os alunos das escolas de nível superior do DF. O Salão abrangerá as categorias: desenho, pintura, gravura, técnicas mistas, escultura, objetos e audiovisual.

Poder Civil

Com o tema "O Poder Civil e Poder Militar", a Coordenação de Pós-graduação das Ciências Sociais promove, de 27 a 29 de outubro, um ciclo de conferências. O horário é de 10 às 12 e de 14 às 16 horas e está aberto ao público. Não se cobrará taxa de inscrição.

História

O Departamento de Geografia e História está com as inscrições abertas até o dia 30 de novembro para o curso de Mestrado em História Política do Brasil, cujos exames de seleção serão nos dias 9, 10 e 11 de dezembro.

Sociologia

Desenvolvimento, Questão Urbana e Rural, América Latina e População são as áreas de concentração do Mestrado em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais, que receberá inscrições até o dia 15 de novembro. A Coordenação de Pós-Graduação avisa ainda que a Seleção será de 14 a 16 de dezembro de 82.

Engenharia

A Faculdade de Tecnologia, através do Departamento de Engenharia Elétrica, estará oferecendo em março de 83 Mestrado nas áreas de Telecomunicações e Sistemas de Potência. As inscrições estarão abertas de 16 de novembro a 15 de dezembro.

Jouvenel

O Decanato de Extensão promove, de 9 a 11 de novembro, o Seminário Bertrand Jouvenel. O curso contará com a presença de Paulo Bonavides (UFCE), Tarcísio Meira César (UnB) e Ronaldo Poletti (UnB), além do próprio pensador francês. As conferências serão no Auditório da Reitoria das 20 às 22 horas. A taxa é de 150 cruzeiros para estudantes e 500 cruzeiros para outros participantes.

Conferência

O professor Rutênio de Aguiar estará no dia 16 de novembro no Departamento de Educação falando sobre "Clubes Escolares - Legislação e Organização". A conferência será no horário de 14 às 16 horas, aberta ao público em geral.

Exposição

O Departamento de Desenho e a Diretoria de Assuntos Comunitários estão promovendo, até 29 de outubro, a exposição de Richard Fairfield e seus alunos da Universidade de Eastern Michigan, Estados Unidos. Os trabalhos estão expostos ao público na Biblioteca da UnB.

Linguística

O Departamento de Letras e Linguística abriu inscrições para os cursos de Mestrado nas áreas de Linguística, Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. Os candidatos deverão inscrever-se até o dia 03 de dezembro.

Seguro

A Universidade de Brasília criou um plano de seguro que tem como meta principal "dar maior cobertura ao funcionários de baixa renda". O objetivo do seguro é "aumentar o nível de bem-estar dos funcionários da universidade, uma vez que o seguro, indiretamente, aumenta a renda dos funcionários e dá maior segurança aos seus familiares". A pequena adesão dos funcionários de baixa renda, apenas 50% do total, vem preocupando o Decanato de Assuntos Comunitários da UnB.

O plano de seguro prevê a cobertura de itens, entre eles: seguro de vida por acidente ou morte natural do segurado, cônjuge e filhos; invalidez do segurado e cônjuge; hospitalização do segurado, cônjuge e filhos.

Depois de pronto, o plano de seguro foi submetido a concorrência, vencida pela Sul América Seguros. "Qualquer dúvida a respeito pode ser esclarecida no Decanato de Assuntos Comunitários, porque a ideia não é obrigar, e sim amenizar o número de voluntários", explica o Decano. (Virgínia Meireles)

Comunicação

As inscrições para o mestrado em Comunicação estarão abertas de 1º a 30 de novembro. O exame de seleção será nos dias 9 e 10 de dezembro. O curso terá duração mínima de dois períodos letivos e máxima de seis. Serão oferecidas bolsas de estudo pela CAPES e CNPq, com cinco vagas por ano.

Diretor da UNE responde à reportagem do Campus

"O Campus n° 43 traz uma matéria e uma nota sobre o 34º Congresso da UNE que, a nosso ver, não refletem o que foi o Congresso e não contemplam a opinião da absoluta maioria dos delegados e participantes que estiveram em Piracicaba. Dessa forma, enquanto diretor da UNE, eleito no Congresso com cerca de 60% dos votos, desejo manifestar minha estranheza e dizer algumas palavras".

Assim começa a carta endereçada a Campus por Fernando Trindade, Diretor de Cultura da UNE e aluno do Departamento de Geografia e História da UnB.

Para Fernando, "certos termos utilizados nas matérias — em particular uma passagem do artigo da colega Terezinha Silveira que afirma ganhou quem melhor soube trapacear (sic) — além de não refletirem a verdade, são, no mínimo, desleais. Este tipo de "abordagem" é raro encontrar até nos jornais da grande imprensa ou na revista VEJA, com suas conhecidas reportagens sobre o movimento estudantil e a UNE. Daí a nossa surpresa que matérias feitas por estudantes e publicadas em um jornal feito por estudantes, se refiram ao nosso Congresso nestes termos".

Ainda de acordo com o diretor cultural, "quanto à denúncia (sic) sobre o credenciamento de delegados, ela não procede. O credenciamento foi feito de forma organizada, por regiões e Estados e com a identificação dos delegados inclusive por carteiras de identidade. Os diretores da entidade tiveram livre acesso às mesas de credenciamento, colocadas em público, e a diretoria da UNE para tratar de problemas referentes a essa questão".

Fernando diz ainda que "as matérias não trazem dados importantes. Por exemplo: esquecem ou desconhecem que o 34º Congresso foi o mais representativo do processo de reconstrução pelo qual a UNE passa desde 79. Enquanto o 32º contou com cerca de 1.800 delegados e o 33º com 1.500, o 34º teve a participação de 2.300 delegados, o que reflete o crescimento do nosso movimento. É certo que as debilidades ainda são muitas e ocorreram falhas de organização. Mas poderia ser diferente quando temos no país um regime e um governo que não nos dá nenhum apoio, pelo contrário, nos cerceia e nos boicota a cada momento?".

Finalizando, disse o representante da UNE que "gostaríamos de responder a outras afirmações errôneas, mas o espaço é curto. Assim, colocamo-nos à disposição do jornal, bem como de qualquer colega para quaisquer esclarecimentos. Apenas, aproveitando a oportunidade, queremos saudar o bom trabalho que está sendo feito pelo Campus em sua nova fase e convidar todos para a posse da nova diretoria eleita em Piracicaba, a se realizar no próximo dia 8 de novembro, em São Paulo, no Teatro Ruth Escobar, às 20 horas".

Campus Avançado ainda não desperta interesse

Já com 12 anos o Campus Avançado que a UnB mantém, em convênio com o Projeto Rondon, em Nova Xavantina ainda não conseguiu despertar o interesse da comunidade universitária em participar dos vários projetos, que visam o intercâmbio entre as entidades de ensino superior e as comunidades rurais, envolvendo quatro áreas básicas: Produção Agrícola, Saúde, Educação e Desenvolvimento do Espaço Físico-Urbano-Rural.

Por falta de informação e divulgação de suas atividades o Campus Avançado ficou, temporariamente, relegado ao esquecimento e consequentemente houve uma diminuição da participação, tanto de professores como dos estudantes, em suas atividades. A realização do Seminário de Avaliação do Projeto de Desenvolvimento Urbano-Rural integrado, no início deste mês, devolveu à Universidade a discussão sobre o Campus Avançado de Nova Xavantina, embora sem a presença de representantes do MEC, CNPq e Projeto Rondon que haviam sido convidados.

SEMINÁRIO

Durante o seminário, a questão básica apontada pelas pessoas que trabalham no Campus estava relacionada com a não legalização das terras, principalmente do Distrito de Campinápolis, onde todos os trabalhadores rurais são posseiros. Neste sentido, a estratégia a ser adotada será facilitar o contato destes com os órgãos fundiários estaduais e federais, para garantir assistência técnica e jurídica que lhes permita a regularização de suas posses e a obtenção de títulos definitivos de propriedade das terras, que, com

seu trabalho, tornaram produtivas.

Outros grandes problemas enfrentados pelos produtores locais são o preço mínimo estabelecido para seus produtos e a falta de garantia de comercialização por inexistência de infra-estrutura de armazenamento e de transporte. Para minimizar tais dificuldades, o que se propôs foi a elaboração de um documento final de implantação do Posto Volante de Compras, que ensine tecnologias alternativas de armazenamento e que crie um armazém comunitário.

DECISÕES

Ficou também decidida a criação de uma unidade mista de saúde em Nova Xavantina, saúde escolar e posto de saúde, com assistência a grupos específicos, controle de doenças transmissíveis e programas de imunização, além de formação de recursos humanos e treinamento.

No campo da educação ficou estipulado que o Campus Avançado faria um estudo do desenvolvimento da criança, e do adolescente de Campinápolis — as crianças estudam só até a sétima série — ressaltando as características sócio-culturais da comunidade e definindo, junto à população, qual a concepção de educação adequada à mesma e que áreas estariam incluídas no currículo.

Os coordenadores enfatizaram a necessidade de haver maior participação dos alunos no programa. Para isso, realizam-se, todos os sábados às 16 horas, reuniões de esclarecimentos básicos sobre o que é o Projeto Campus Avançado. Os encontros são no ICC sul, em cima da Livraria da UnB e estão abertos a todos os estudantes (Carmen Moretzsohn).

Encontro para discutir o ensino e a pesquisa

TEMÁRIO

O Instituto de Ciências Exatas está promovendo esta semana, nos dias 27, 28 e 29, o 2º encontro de Pesquisa e Ensino, que consta de palestras, mesas-redondas e comunicações de ensino de professores dos Departamentos de Química, Matemática, Física e Estatística. Para a abertura do Encontro foram convidados o Reitor, o Vice-Reitor e todos os Decanos, além de um representante do corpo discente.

Criar maior integração entre departamentos de um mesmo Instituto é, segundo o Professor Portilho, coordenador do Encontro, o objetivo do seminário. "Estes departamentos estão, muitas vezes, isolados entre si, daí a nossa intenção de que as comunicações de ensino tenham um caráter interdisciplinar, de forma a haver intercâmbio entre eles e de atrair o interesse das diversas áreas.

À exceção do primeiro dia, quando a conferência do professor José Ubirajara Alves foi às 14 horas, todas as outras foram programadas para a manhã, reservando-se o período da tarde para comunicações e mesas-redondas. O professor Ubirajara falou sobre "A CAPES e a Pós-Graduação".

No dia 28 será a vez do professor Marco Antônio Moreira, da Universidade do Rio Grande do Sul, discutir sobre "O Ensino de Ciências na Universidade", encerrando a participação dos convidados de fora, o professor Augusto César Bittencourt Pires, do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) discorrerá sobre o apoio que aquele órgão tem dado à pesquisa e à pós-graduação. Todas as atividades tiveram como palco o anfiteatro 9. (Leticia Almeida Borges)

MULHER

Domésticas denunciam discriminação

Na Ceilândia, a difícil luta dos Incansáveis

"Tem gente que pensa que trabalho de Associação é plantar árvores e ajardinar as ruas, mas isso nós não vamos fazer, não. Afinal os moradores do Plano Piloto não precisam fazer isso pra ter arborização e gramado, por que nós temos que fazer? Podemos pegar na enxada sim, se o administrador pegar com a gente. Queremos ser tratados com igualdade". A afirmação é de Eurípedes Pedro de Camargo, presidente da Associação dos Moradores Incansáveis da Ceilândia Norte. Segundo ele, é preciso viver em constante luta para conseguir qualquer pequena melhoria na cidade.

"Já não chega", diz ele, "o problema sério que estamos vivendo há tanto tempo, que é a legalização dos lotes. Vivemos espremidos e só temos uma certeza: Subir é impossível, mas descer é muito fácil. Nós não podemos deixar que nos tirem daqui".

A luta dos Incansáveis da Ceilândia é feita através de reuniões todos os domingos, nas quais eles procuram envolver ao máximo a população. Nestas reuniões, são lançados os principais problemas que afligem a população e soluções prováveis são discutidas. Só então, são formadas comissões para levarem o problema à Administração da Ceilândia.

LIXO

Segundo Eurípedes, a Associação teve até agora duas grandes vitórias: o lixo, espalhado por toda a cidade, vinha ocasionando sérios problemas de saúde. "Felizmente", diz ele, "depois de muita briga com a administradora, dona Maria de Lourdes, e com o Serviço de Limpeza Urbana, conseguimos uma limpeza mais efetiva das ruas. Pra você ter uma ideia da situação, só de meia quadra foram retirados 80 caminhões de lixo".

O problema ainda existe, afirma Eurípedes, mas agora em menor escala. A outra vitória foi quanto à iluminação das ruas, que tem melhorado bastante desde que uma comissão apresentou o problema à administradora. "Nós apertamos os parafusos, porque, vou te dizer uma coisa: a administração tem o dever de fazer e, nós, o dever de exigir".

A Associação dos Incansáveis se preocupa também com a cultura e o lazer, que praticamente inexistem na cidade. Assim, ela tem promovido torneios de dominó e lutas de capoeira. Quanto à cultura, a Associação conseguiu mexer com a população no lançamento de um livro contando a história da Ceilândia, escrito em forma de cordel. Outra realização cultural, que conta agora com a participação de todas as associações da cidade, é o jornal Voz da Ceilândia, com tiragem de 1000 exemplares.

Entretanto, o que de mais positivo existe nas associações da Ceilândia, finaliza Eurípedes, "é o fato de se estar conseguindo uma maior conscientização e, consequentemente, maior participação na nossa luta, que é de todos". (Ana Vera Furquim).



Cortesia / Br

Vera Santana, uma dona-de-casa "cortejada" pelos partidos políticos

"A dona-de-casa é uma lutadora"

"Hoje em dia ser exclusivamente dona-de-casa é uma responsabilidade muito grande para a mulher. A dona-de-casa foi, é, e sempre será uma grande lutadora. Esta é a opinião de Vera Santana, 45 anos, casada com funcionário público e mãe de três filhos homens.

Vera nasceu em Goiás Velho e após terminar o curso normal casou-se, indo morar em São Paulo. Em 1959 veio para Brasília. Aqui foi sempre dona-de-casa, numa época em que ser só dona-de-casa torna-se cada vez mais anacrônico entre mulheres de classe média. Mas Vera Santana está indo um pouco além. Em fevereiro de 1980, com o boicote da carne feito por donas-de-casa do país inteiro, surgiu a oportunidade de Vera criar e liderar a Associação das Dona-de-Casa do DF.

A partir daí suas lutas começaram. No princípio, pequenas batalhas que foram ganhando importância com o passar do tempo e que fizeram Vera Santana cada vez mais conhecida. Como todo movimento social acaba atrasando a atenção deste ou daquele partido político, Vera, que, sempre simpática com o PMDB, "se sente honrada e feliz por ter sido convidada para inaugurar o comitê do PMDB-GO em Brasília, no último dia 22, e para fundar a Associação

das Donas-de-Casa de Goiás, em Goiânia, no início de 1983".

OBJETIVO

O objetivo básico da Associação é a defesa do consumidor, sua orientação e conscientização, especialmente das donas-de-casa. Isto é conseguido em parte através de pesquisas feitas pela própria Associação. Os planos de Vera para o futuro são de "esperança e mudança". Ela espera ter o estatuto da Associação registrado para convocar uma assembleia geral que elegerá uma nova diretora, sem que isto a retire das lutas.

Vera Santana é otimista e acredita que o consumidor brasileiro atingirá um nível de organização tal, que possibilitará a defesa de todos os seus direitos. Isso "apesar do brasileiro ser muito acomodado". Para se chegar a isso ela dá um prazo de 20 anos, "que é o tempo que levará a uma conscientização geral".

A presidente da Associação das Donas-de-Casa do DF, finaliza dizendo que a luta pela defesa do consumidor é muito difícil, mas que todos devem reclamar seus direitos e insistir para que sejam respeitados. "Você não é obrigado a pagar e levar um produto estragado para casa. É obrigação da empresa tratar bem do consumidor, porque, sem ele, a empresa não é nada". (Virgínia Meireles).

"A empregada doméstica tem vergonha da profissão, porque sofre a discriminação da sociedade para com seu trabalho. Ela é muito reprimida, sempre ouvindo que o seu lugar é de cozinha para lá. Ninguém gosta de uma vida assim, porque da cozinha para lá é um espaço muito limitado". A afirmação é de Nilza Francisca de Oliveira, líder da Associação das Empregadas Domésticas do DF.

Nilza nasceu em Coribe, interior baiano, e de lá saiu aos 28 anos, deixando os pais e cinco irmãos para tentar uma nova vida. Veio para Brasília, estudou, trabalhou em qualquer atividade, mas saiu do isolamento em que vivia, sem a menor chance de progredir. Aqui chegando, Nilza começou a trabalhar como costureira, mas não se deu bem e logo procurou o serviço doméstico.

Como empregada doméstica, Nilza trabalhou quase nove anos e não guarda lembranças amenas desse período, pois em nenhuma casa julgou-se bem tratada. Diz que permanecia completamente isolada, não tinha rádio, não via televisão, não lia jornais, o que segund Nilza, acontece com grande parte das domésticas. Nilza vê nesse confinamento e na consequente falta de informação um dos maiores problemas que as domésticas enfrentam.

ASSOCIAÇÃO

A ideia da Associação das Empregadas Domésticas do DF começou a interessar Nilza por sugestão de uma assistente social, durante curso promovido pelo SINE (Serviço Nacional de Emprego), em 1980. Mesmo "sem entender nada de associação", Nilza decidiu levar adiante o projeto. Orientada por um advogado, divulgou a ideia nas rádios da cidade, deixando seu telefone. A repercussão foi grande, mas pouquíssimas pessoas se dispuseram a uma participação integral no movimento. Nilza não desanimou e prosseguiu, entregando-se de corpo e alma ao que consagrou seu ideal. A luta pela melhoria das condições de vida e de trabalho das empregadas domésticas."

Apesar do primeiro grau incompleto, consequência de um "sério problema de vista", Nilza se expressa bem, falando com muito desembaraço. Ela é solteira e mora com uma amiga. Atualmente desempregada (por último trabalhou como rodomoça), Nilza dedica-se totalmente à Associação e sente que, no caso de voltar ao serviço doméstico, "vai ser difícil encontrar pessoas mais esclarecidas, que me aceitem com as minhas ideias, como líder deste movimento".

Nilza é da Igreja Presbiteriana e admite que sua religião ajudou-a muito nos momentos difíceis que tem atravessado. Com muita convicção ela afirma: "Nesta luta toda, que já tem um ano e seis meses, não me arrependo de nada. Várias pessoas me aconselharam a largar o movimento, alegando que só me viria trazer problemas e cabelos brancos, deixando até de me procurarem. Mas Nilza é firme: "Não vou largar, não. Isso é um idealismo, uma coisa que eu comeci. Se hoje sei o que sei aprendi com o movimento, logo não vou parar". E continua: "Devo ficar entre as pessoas que são realmente minhas amigas, e me apoiam, como o pessoal dos sindicatos e de outras associações, principalmente a Associação dos Vigilantes".

A Associação das Empregadas Domésticas do DF será brevemente legalizada e Nilza Francisca de Oliveira espera que com isso as pessoas de um modo geral e os patrões em particular, respeitem mais a classe das domésticas. Normalmente, a reação dos patrões é participação de suas empregadas no movimento é desfavorável, explica a líder doméstica: "Ou ameaçam despedi-las ou, tam convencê-las de que as atividades da associação são parte de um jogo sujo. (Paul Xavier Mattosol).

A CRISE

Alunos e Professores podem

Duas assembleias programadas para hoje — uma de estudantes e outra de professores — poderão resultar na deflagração de uma greve geral na Universidade de Brasília. Mas, deflagrada a greve ou não, o fato é que a UnB continua a viver uma crise que a cada dia assume proporções mais sérias. A questão da Medicina e da Enfermagem — internato e estágio —, da Mecânica — falta de professores —, juntou-se agora o grave problema dos professores colaboradores e "visitantes" permanentes, categorias docentes que deixaram de existir nas demais universidades oficiais mas que persistem na UnB, criando uma situação

de grande instabilidade e falta de incentivo ao ensino e à pesquisa. Enquanto a Ministra Esther de Figueiredo Ferraz assume o MEC dizendo-se favorável ao diálogo com os estudantes, e enquanto a própria Ministra toma a iniciativa de receber formalmente a Associação de Docentes da UnB, a administração central, na pessoa do Reitor José Carlos Azevedo, persiste na sua tradicional relutância de receber representantes das entidades estudantis, bem como na sua negativa de reconhecer a ADUnB como legítima representante do professorado. "Eles só fazem agitação à-toa", disse recentemente o Reitor sobre a associação de docentes.



A campanha já estava na rua, mas a discussão da crise levou o DCE a adiar as suas eleições

Volnei, à frente da A...

Eleições ficam para depois

Faltando apenas uma semana para as eleições para o DCE, o quadro todo mudou. A Assembleia Geral do dia 20, quarta-feira, estava marcada para discussão de forma de apoio à greve de três Departamentos: Medicina, Enfermagem e Engenharia Mecânica. A Engenharia Florestal, depois de ter parte de suas reivindicações atendidas, voltará às aulas. No entanto, os mais de 2 mil participantes da Assembleia acabaram assistindo apenas comícios e pregações eleitorais, que resultaram em dois adiamentos: o da decisão de apoiar as greves e o das eleições originalmente marcadas para os dias 27 e 28 de outubro.

No centro do Teatro de Arena, praticamente os únicos a discursar eram os candidatos das diversas chapas concorrentes ao DCE. Dois grupos distintos se formaram: os que queriam a imediata deflagração da greve geral e os que acreditavam não ser ainda o momento oportuno. Entre os primeiros estavam os integrantes das chapas *Solidariedade*, *Optamos e Transformação*, (vários deles alunos da Med), sempre ressaltando a necessidade de se unificar o movimento grevista. "pois quando esta é a pena parcial, jamais leva à vitória". Para alcançar a vitória, segundo esta linha de raciocínio, era necessária uma resposta já de toda a Universidade.

POLARIZAÇÃO

Do outro lado, estavam componentes das chapas *Semear* (e da atual Diretoria do DCE) e *Todos Juntos*, argumentando que "uma greve

sem discussão e organização está fadada ao esvaziamento". O próprio caso da Medicina foi citado como exemplo de maturidade e preparação. Uma terceira corrente lamentava a polarização entre "greve x não greve" por tratar-se de procedimento que "se repete há vários anos" e que sempre impede a discussão das propostas concretas, suas causas e consequências. Prova disso é o fato muito comum das pessoas se retirarem das assembleias assim que a "greve" tenha sido votada, sem esperar os outros encaminhamentos. A 1ª observação, feita pelo candidato a presidente de "Todos Juntos", Ismael, não foi levada em consideração e a 2ª, feita por Ivanek, também não foi atendida pela pressão dos que queriam votar sem muita discussão.

Foi em meio a esse quadro que Rosalina, aluna da Enfermagem e candidata por *Todos Juntos*, propôs o adiamento das eleições do DCE, "para que as atenções se voltassem para os problemas dos cursos, principalmente o de greve". Embora polêmica, a proposta recebeu adesão de outras chapas, seja por acreditarem na necessidade de se aprofundar a discussão, seja por não se verem ainda em condições de disputar as eleições. Para surpresa de todos, e indignação de muitos, a Diretoria do DCE se recusou a colocar a proposta em votação e deu por encerrada a Assembleia, entendendo que esta já não contava com representatividade suficiente. Sob as acusações de manobra e pelega, a Diretoria do DCE transferiu a decisão para o Conselho de Centros Acadêmicos realizado na noite do mesmo dia. (Leticia Almeida Borges)

Nos CAs, discussões continuam

Apesar de, vários diretores de entidades de base entenderem que o processo eleitoral não impediria o debate sobre a possibilidade de greve, todas as chapas e entidades presentes ao Conselho de CAs concordaram em transferir, sine die, as eleições para o Diretorio Central.

A campanha, em consequência, foi suspensa. As cinco concorrentes — *Semear*, *Todos Juntos*, *Solidariedade*, *Transformação e Optamos* — comprometeram-se a retirar os cartazes já afixados em toda a Universidade e a suspender a distribuição de programas (o que só havia sido feito por *Semear*).

Para Fernando Trindade, Diretor de Cultura da UNE e aluno do curso de História da UnB, a solução de adiamento é positiva, já que transfere o eixo do problema, "da discussão da greve inserida na visão de cada chapa, para as entidades de base, o que possibilita maior unidade na direção do movimento".

Prendem as diretorias do DCE e dos CAs que a discussão seja permanente até quinta-feira, dia 28, data da assembleia definitiva. Para tanto, ficaram marcadas assembleias departamentais para terça-feira, reuniões do Conselho de CAs na segunda e quarta-feiras e reuniões diárias do Comando de greve.

GREVE GERAL

As lideranças estudantis da UnB acreditam que a greve geral será possível somente por se tratar de um movimento de solidariedade, mas por estarem praticamente todos os Departamentos enfrentando problemas semelhantes aos da Medicina, Enfermagem e Mecânica. Nestes sentido, cada um deles deverá elaborar uma pauta com suas reivindicações específicas, particularizando-as como forma de unificá-las no movimento global.

Avalia-se como mais concreta a chance de generalização desta greve pelo fato de estarem todas as "tendências" do movimento estudantil apoiando a idéia. Todas deverão dispende esforços na conscientização dos alunos, que muitos dos quais já a encaram como provável, embora não esqueçam, que o encerramento do semestre está há pouco mais de um mês. Conta ponto a favor de uma paralisação a iminência de deflagração de uma greve também por parte dos professores. A possibilidade de unificação do movimento anima as duas partes, que têm reivindicações comuns e sofrem os mesmos problemas.

Este filme, parece já foi visto antes. Alunos e professores garantem não gostar da qualidade da fita e prometem lutar para que ela saia de cartaz. (Leticia Almeida Borges)

Afinal, o que diz este

A denúncia era de que um relatório, versando sobre as condições de ensino no Hospital Presidente Médici na Faculdade de Ciências da Saúde, estava sendo ocultado pelo reitor José Carlos Azevedo, pelo vice-reitor Luiz Otávio de Souza Carmo, ou, ainda, pelo diretor da Faculdade, Adalberto Café.

Pelo menos era o que dizia o bilhete encaminhado anonimamente à redação do Campus na última terça-feira, dia 19. O envelope, contendo o bilhete, tinha como suposto remetente a ADUnB, e foi postado na agência dos Correios do Setor Hoteleiro Sul. A denúncia veio acompanhada de cópias de duas atas de reuniões do Departamento de Medicina Geral e Comunitária: da primeira ata constava a designação da coordenadoria do curso de Enfermagem, professora Maria José dos Santos, para integrar comissão encarregada de elaborar relatório sobre as condições de ensino no hospital e na Faculdade. A segunda ata continha a aprovação, por unanimidade, do relatório.

DEPOIMENTOS

Um dos membros da comissão, Dr. Sebastião Barros, disse que o relatório nada tem a ver com a greve e que veio à tona neste momento "apenas por coincidência". A professora Maria José, por sua vez, confirmou a existência do relatório, mas apenas "passou os olhos" pelo parecer dado pela diretoria da Faculdade. Ela estranhou, no entanto, o fato do documento ter ficado tanto tempo sem aparecer. Por outro lado, ela acha que o fato não tem maior importância. Esta é também a opinião de Rosalina, presidente do CA de Enfermagem.

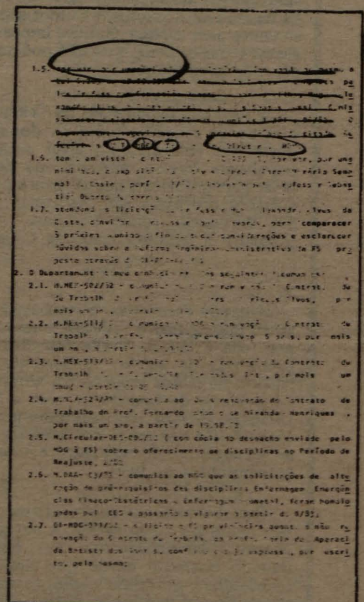
O Dr. Adalberto Café declarou: "Esse relatório não chegou à Faculdade; nem chegou a ser apreciado. Além do mais, ele não tem nada a ver com o internato. O que aconteceu é que alguém deve ter falado isto aos estudantes e eles levantaram algumas suspeitas. Esse relatório abortou".

ANONIMATO

O presidente da ADUnB, professor Volnei Garrafa, mostrou-se preocupado com o fato da remessa do documento ter sido atribuída à entidade. "A ADUnB sente-se na obrigação de esclarecer que, de forma alguma, enviou essa correspondência ao Campus. Ela sempre trabalhou abertamente, apesar de todas as implicações que isso traz. Repudiamos veementemente qualquer iniciativa covarde que se acoberte com o véu do anonimato", finalizou.

Se não foi a ADUnB, quem teria sido? As pistas não estão muito claras. Quem o fez deve ter motivos para querer provocar a informação e tornar o documento, de caráter reservado, um fato público.

De qualquer forma, o seu conteúdo, comprometedor ou não, foi a causa da denúncia. É certo que ele trata das condições de ensino na Faculdade e no HPM, mas não se sabe, expli-



citamente, se as considerava boas ou más. Isso só poderá ser esclarecido com a sua revelação.

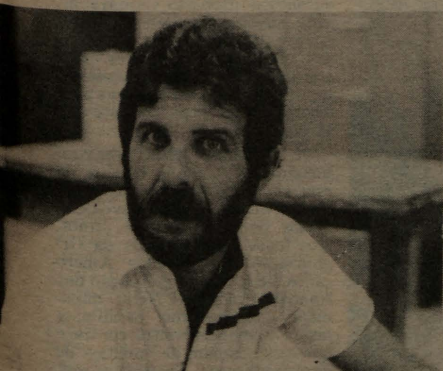
Enquanto isso a greve continua e o Dr. Café disse ter-se utilizado de sua capacidade jurídica, recorrendo "de ofício" à Câmara de Ensino e Pesquisa, para que esta confirme a decisão da Congregação de Carreira, mantendo o internato para os alunos no Hospital Presidente Médici. Ele justificou a medida pelo fato de os estudantes não terem, ainda, pedido desculpas aos professores pelas agressões morais feitas durante a última reunião da Congregação.

CONS PIRAÇÃO

O Dr. Café afirmou ainda que a ação popular movida pelos alunos contra José Carlos Azevedo é somente "guerra de nervos" e não será levada adiante. De acordo com o diretor da Faculdade, os alunos estão servindo de instrumento para pessoas interessadas numa crise, objetivando, inclusive, tomar o lugar do reitor. Seria o caso, então, de se perguntar quem estaria tentando ocupar a cadeira de José Carlos Azevedo. Novamente as pistas ficam obscuras e tudo converge, somente, para o terreno das especulações. (Nelson Luiz).

DA UNB

decidir hoje pela greve geral



ADUnB, luta pela legitimidade da entidade e não a rótulo imposto pelo Reitor.

relatório?

Um problema maior do que se imagina

A questão da enfermagem no contexto das greves da UnB, por tocada de leve pela imprensa, tem uma dimensão bem maior do que se imagina. A coordenadora do curso, professora Maria José dos Santos, afirmou que o Hospital Presidencial (HPM) é insuficiente para quatro disciplinas, do ciclo básico e três do profissional: Introdução à Saúde Pública, do básico; Enfermagem e Saúde mental I e II e Enfermagem Psiquiátrica e Estágio, do profissional. Esta última só pode ser realizada em hospitais psiquiátricos. Para ela, o problema não é ter um convênio, especificamente, mas ter acesso a postos e hospitais para um bom aprendizado. Além disso, segundo Maria José, não existe vacinação no HPM, unidades de isolamento para doenças transmissíveis em nível agudo.

O processo de integração docente-assistencial (entre os profissionais do hospital e professores da UnB) é a maior de tudo. O Dr. Café, diretor da Faculdade de Saúde, que ele é do curso, mas imprescindível e que "a Enfermagem não se integrou ao hospital e agora quer fugir de lá". Existe que o convênio está em fase terminal de implantação e que só após consolidado seria possível estender o convênio a outros postos de saúde. A professora Maria José afirmou, de qualquer modo, que "não existe uma regra onde as condições da integração ficassem claras. O convênio é abstrato e ambíguo".

EXPERIÊNCIAS

Dr. Café considera que os currículos de ensino da área de enfermagem precisam ser reformulados para que se corrija o erro de uma excessiva especialização iniciada na década de 40, que criou-se uma caricatura dos modelos desenvolvidos nos anos mais adiantados na época. De acordo com ele existem, inclusive em escalões normativos, inimigos de experiências. Muitos profissionais, ligados em sua maioria à área de enfermagem em saúde pública, se utilizariam de conceitos do processo de integração docente-assistencial, sem ter para sua filosofia e particularidades de sua execução. Há uma integração no meio rural e postos periféricos, muito difícil em hospitais de referência.

Este problema, já abordado pelo Campus, carece, no entanto, de definições ao nível da política oficial de saúde, que só começará a se delinear. O superintendente regional do INAMPS, Geraldo Rodrigues Guimarães, seguindo plano de implantação do Ministério da Previdência, declarou ao *Braziliense*, que se procurará agora aumentar a integração entre o INAMPS e a Fundação Hospitalar. (Nelson

ADUnB dá o troco, mas não aceita polêmica

"A ADUnB não vai entrar no mesmo nível de discussão que a Reitoria". Esta foi a declaração do professor Volnei Garrafa a propósito da entrevista que o Reitor José Carlos Azevedo concedeu ao *Jornal de Brasília*, dia 21 de outubro. Volnei acrescentou ser "lamentável que a principal autoridade de uma instituição como a UnB baixe tanto o nível das discussões, a ponto de chamar os professores de agitadores à toa".

Já em seu quinto ano de existência, a ADUnB (Associação dos Docentes da UnB) nunca conseguiu uma audiência com o Reitor, que não a reconhece como entidade legítima e representativa. Segundo ele, declarou naquela entrevista, existe uma "outra Associação, a dos Servidores da UnB, com 350 professores filiados", tida por Azevedo como um órgão sério, "rebecendo inclusive subsídios da UnB".

O que cabe ressaltar é que a ASFUB, como entidade, nada faz de concreto para melhorar o ensino e a pesquisa na Universidade, limitando-se a promover atividades esportivas, sociais e assistenciais. O que a comunidade universitária não entende é porque a Reitoria da UnB rejeita em reconhecer a existência da ADUnB, quando Universidades como a USP, Unicamp, UFRJ, PUC de São Paulo, e muitas outras têm associações de docentes ativas, funcionando como interlocutoras legítimas das respectivas reitorias.

Mas, um fato novo pode alterar o difícil relacionamento entre a Administração Central e a Associação dos Docentes. Recentemente, a Reitoria solicitou à ADUnB o endereço de sua sede para correspondência. Ora, é do conhecimento de todos que a entidade não possui local fixo nem para a realização de suas reuniões, pois isto nunca lhe foi concedido. Portanto, fica a dúvida quanto às intenções da Reitoria: seria uma tentativa de aproximação ou uma possível retaliação.

COM ESTHER

A ADUnB foi recebida, no último dia 15 de outubro, pela Ministra da Educação e Cultura, Professora Esther de Figueiredo Ferraz. Na ocasião, a entidade entregou à Ministra o Projeto da ANDES (Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior) para a carreira docente nas Fundações Federais. Este projeto dispõe sobre a progressão horizontal e vertical das diversas classes do magistério superior. Segundo o projeto, a UnB está ganhando cerca de 30 milhões de cruzeiros por mês,

mantendo professores não-enquadrados.

Durante a audiência foi também entregue à Ministra um relatório sobre o sistema de contratações da UnB, mostrando tratar-se da única Universidade oficial que mantém a categoria de professor colaborador. A Ministra se comprometeu a conversar e encaminhar toda a documentação para o Reitor, afirmando que a responsabilidade de resolver problema é da Reitoria.

A situação instável dos professores colaboradores vem se arrastando há muito tempo. Muitos deles encontram-se há mais de cinco anos tendo que renovar seus contratos anualmente. A insegurança decorrente disso se faz sentir em vários níveis, desde a falta de elaboração de melhores programas em suas disciplinas até a impossibilidade de desenvolverem trabalhos aprofundados de pesquisa. O total de professores colaboradores é de 464, havendo entre eles, 171 com mestrado, 42 com doutorado e 40 com título de PhD, o que invalida uma das causas apontadas para o não-enquadramento, que é falta de capacidade e/ou especialização.

A partir da constatação dessa situação, pode-se fazer uma análise dos departamentos que entram em greve nos últimos três semestres. Coincidentemente, eles são os que mais possuem professores colaboradores em seus quadros. No caso da Arquitetura, de um total de 17 professores, 13 não são enquadrados; essa proporção é de 18 para 19 na Engenharia Mecânica, e de 29 para 34 na Medicina Especializada.

ADUnB

Segundo o presidente da ADUnB, professor Volnei Garrafa, colaborador há oito anos, com doutorado também há oito anos, a defasagem que existe entre o que receberia um PhD enquadrado e um colaborador, leva a crer que "muitos dos projetos extra-curriculares que a UnB está implementando estão, na verdade, sendo financiados pela perda salarial mensal dos colaboradores e também dos professores do quadro que não têm oportunidade de acesso".

A ADUnB realiza nesta quinta-feira, dia 28, uma assembleia para discutir a questão dos colaboradores, dos "visitantes" permanentes e dos auxiliares de ensino. Na oportunidade, serão apresentadas propostas de posicionamento frente à Reitoria, inclusive uma de paralisação geral. (Carmem Moretzsohn)

Oposição vai disputar

Um fato inédito pode ocorrer nestas eleições da ADUnB, marcadas para 10 e 11 de novembro. Embora não tenha havido ainda registro, existe a expectativa do surgimento de duas chapas, que deverão disputar os cargos da nova diretoria, gestão 82/83.

Apesar das atenções da comunidade universitária estarem voltadas para as assembleias gerais dos estudantes e dos professores, que se realizam nesta quinta-feira, dia 28, quando será discutida a deflagração de uma greve geral, permanece a determinação da ADUnB de realizar eleições nos dias marcados.

EXIGÊNCIA

No regulamento para o registro de chapas — elaborada pela diretoria e dis-

cutido pelo Conselho de Representantes na sua Reunião Ordinária de 5 de outubro passado — a exigência é de que os candidatos estejam quites com o pagamento das contribuições, de acordo com os estatutos da entidade. Ficou também decidido que as eleições serão realizadas por Departamento, ficando a responsabilidade de seu correto encaminhamento, a cargo do representante da entidade em cada um.

Os associados que desejarem votar também devem estar em dia com o pagamento da contribuição no que se refere ao segundo semestre de 1982. O prazo para inscrição de chapas encerra-se no próximo dia 4 de novembro. (Carmem Moretzsohn)

Colaboradores depõem sobre a sua situação

A realização, nos dias 24 e 25 de agosto, do II Fórum de Debates da UnB serviu entre outras coisas, para reafirmar a crise que há anos a Universidade vem vivendo. A queda do nível de ensino, os problemas que afetam a pesquisa são reflexos da falta de professores, da inadaptação dos currículos, da não participação dos estudantes nas administrações departamentais e, principalmente, como aponta a ADUnB, no quadro funcional de professores mantido artificialmente pela Reitoria. Assim é que a UnB detém a duvidosa distinção de ser única Universidade oficial brasileira a manter em seus quadros a figura do professor "colaborador" e do professor "visitante" permanente.

Aproveitando a passagem do dia do professor em 15 de outubro, a ADUnB levou até a Ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, um documento que mostra a situação desastrosa em que se encontram os professores "colaboradores" e "visitantes" da UnB. De um total de 841 professores, 464 estão "alijados" da carreira do magistério, pois não têm promoção funcional, não têm direito à licença sabática a cada sete anos, nem adquirem estabilidade após cinco anos de serviço.

COLABORADORES

Cristina Diniz Leal, professora do Departamento de Letras, Mestre, com 10 anos de Universidade de Brasília, afirma que começa a haver uma conscientização sobre os problemas da carreira docente na UnB não apenas por parte dos colaboradores, mas também por parte dos colegas pertencentes ao quadro. "Não temos licença sabática, somos instáveis, não temos direito a empréstimo na Caixa Econômica e, finalmente, trabalhamos muito mais e ganhamos muito menos". Por acreditar que toda situação que perdura há anos tem seu fim, Cristina vê como iminente a solução para o caso dos colaboradores, "pela via das negociações", pois em começo de organização a "greve seria prematura, um recurso extremo para ser usado só em último caso".

Maria Luíza Falvão Silva, PhD terminando tese, há dois anos do Departamento de Economia, acha difícil mobilizar os colaboradores em seu Departamento, pois em sua maioria eles trabalham em tempo parcial, dispondo do outro período para exercer atividades fora da Universidade. Ela acha que não haveria opção pela dedicação exclusiva mesmo que os colaboradores fossem enquadrados, devido às vantagens oferecidas "lá fora". Apesar de "muitos se sentirem intimidados, inseguros, o movimento tem crescido, as pessoas começam a ficar cansadas". Assim é que, mesmo declarando-se pessimista, Maria Luíza espera que a "situação não continue na mesma, mudando alguma coisa".

Maria de Lourdes Torres, professora do Departamento de Comunicação, há 13 anos como colaboradora, já fez pedido de enquadramento duas vezes: negado na primeira e ignorado na segunda. Ela acha a situação dos colaboradores uma "exploração", e por isso mesmo a luta levantada pela ADUnB procede. "Nesta situação insustentável, deve-se lutar, mesmo através da pressão, pois todos os recursos serão válidos". Maria de Lourdes espera pela Assembleia Geral para que de lá se tire as formas de encaminhamento. Para ela, "o trabalho do colaborador tem que merecer o devido valor. Estou na UnB há 13 anos e isso não é reconhecido. O trabalho como é que fica? Não há estímulo. É um caso de jornada salarial. Um problema de empregador x empregado". (Eugênia França)

Conradie: "SWAPO é crime organizado"

Estava claro o clima de desconfiança. O que seria uma simples entrevista com o embaixador da África do Sul sobre os problemas que envolvem Angola e Namíbia, acabou se transformando num quase monólogo em que um intérprete se preocupava apenas em traduzir as respostas já programadas e cautelosas do embaixador Frederick G. Conradie.

Dizendo-se preocupado com "possíveis erros de tradução", o embaixador mesmo assim deixou poucas dúvidas sobre a posição do seu país: "A África do Sul está totalmente comprometida com a independência da Namíbia. Nós já concordamos com a independência em 1978, mas esta não se consolidou porque começaram os problemas com a ONU, que, assim como o Brasil, reconhece a SWAPO — que tem apoio comunista — como o único e legítimo representante do povo da Namíbia, querendo que entreguemos o país nas mãos deste grupo terrorista".

PATERNALISMO

Conradie, com postura paternalista, própria de uma situação de colonialismo inadaptada aos tempos de hoje, continuou: "A África do Sul não pode dar-se ao luxo de conceder a independência uma vez que seria estabelecido

imediatamente um regime comunista. A África do Sul é responsável pela Namíbia desde 1914 e se comprometeu com seu povo a não entregar o país aos comunistas, já que estes não trabalham no sentido do bem, nem no da estabilidade da região. O mundo está cheio de exemplos disso".

Na opinião do embaixador, a independência da Namíbia seria no momento mais vantajosa, para a África do Sul, posto que seu país está passando "por problemas orçamentários". Em 1982, a África do Sul calcula gastar 1 bilhão de dólares só para equilibrar o orçamento da Namíbia. "Mas o problema central, a nosso ver, é como organizar as eleições e garantir que as outras representações possam votar livremente, assim como estabelecer o regime que a maioria quer e não o que o SWAPO quer impor pela força".

Trata-se de posição contraditória. O embaixador Conradie, ao comentar o processo de independência da Namíbia, ao mesmo tempo em que fala de liberdade, insiste que a África do Sul é quem decide sobre como deve ser o processo político Namibiano, mesmo após a separação dos dois países.

Valendo-se do argumento de

que a SWAPO é o "crime organizado, que no ano passado matou cerca de 100 negros da Namíbia", o embaixador justifica a manutenção de tropas sul-africanas no território angolano, dizendo que "a África do Sul não tem interesse em manter tropas em Angola", mas que o faz para combater "o grupo terrorista SWAPO que, com o apoio de Angola, Rússia, Alemanha Oriental e Cuba, matam gente inocente, sendo que nós não podemos presenciar estes crimes sem fazer nada". (Liliana Vera)

Conradie: respostas cautelosas para um assunto controverso



Honduras nega provocação à Nicarágua

Quarenta e seis notas de protesto em um ano. É este o resultado principal da preocupação da Junta Sandinista em relação aos conflitos armados na fronteira entre Honduras e Nicarágua. Mas o governo hondurense de Roberto Cordova insiste em dizer que não tem qualquer participação nas invasões dos somozistas exilados que atacam aldeias nicaraguenses e depois retornam a Honduras pela fronteira no Departamento de Mosquitia.

A Nicarágua acusa veementemente os Estados Unidos de estarem fornecendo armamentos aos exilados contra-revolucionários para derrubar a Junta. Nos foros internacionais da Organização dos Estados Americanos OEA e da Organização das Nações Unidas (ONU), diplomatas do governo Sandinista fazem pronunciamentos contra o que eles chamam de "política de desestabilização do regime sandinista".

O Embaixador de Honduras no Brasil, Daniel Brevé Martínez, nega as acusações ao seu governo. Segundo ele, Honduras tem se pautado por uma política de "paz e concórdia", não interessando conflitos armados entre os dois países. Martínez explicou que "os sandinistas nos acusam de querermos desestabilizar seu regime simplesmente porque temos ligações com os Estados Unidos e por causa das invasões ao seu país pelas nossas fronteiras, que ainda não podemos controlar totalmente devido ao seu grande tamanho".

REUNIAO CONJUNTA

Ao ser perguntado porque o governo hondurense não destaca mais forças militares para a região, o embaixador refuta: "Se fizermos isso, vão nos acusar de estarmos preparando uma invasão. Nós não queremos provocar o governo nicaraguense". E adiantou que, visando discutir a possibilidade de uma estratégia bilateral de manobras militares na fronteira, o seu governo está preparando uma reunião entre seu presidente e o coordenador da Junta Sandinista, Daniel Ortega, para que encontrem uma forma conjunta de impedir o movimento de guerrilheiros entre os dois países.

Mas se isso vai ocorrer mesmo ninguém sabe. Era justamente para negociar a questão que o presidente Roberto Cordova deveria ter-se encontrado dia 13 deste mês com Ortega, mas avisou que não compareceria pois tinha um "compromisso inadiável que foi marcado anteriormente". Fontes diplomáticas da ONU declararam aos jornais que as Forças Armadas hondurenhas seriam contra as conversações bilaterais em busca de uma solução.

A guerra de informações, no entanto, parece mais intensa do que o conflito entre os dois países. Relatório militares, manifestações da imprensa em todo o mundo, particularmente a latino-americana, demonstram a grande preocupação quanto à possibilidade de um conflito que fatalmente se alastraria ao menos pela América Central. (James Allen).

Brasil vai explorar Antártida

"A Antártida pertence hoje apenas aos países que nela mantêm estações e realizam pesquisas científicas. E todo o interesse brasileiro na região é também científico". Foi o que assegurou ao **Campus** o secretário da Comissão Interministerial para Recursos do Mar (CIRM), contra-almirante Mucio Piragibe Ribeiro de Bakker.

Com um território que é quase duas vezes maior que o Brasil, a Antártida tem enorme importância estratégica, pois é o único elo de interligação entre os Oceanos Pacífico, Atlântico e Índico. Mas, de acordo com o secretário do CIRM, órgão ligado ao Ministério da Marinha e atualmente responsável pelas atividades concernentes à terra do gelo, "o Brasil não está indo a Antártida por reivindicações territoriais", futura expedição tem apenas o caráter de reconhecimento e pesquisa.

PRETENSÃO

Na verdade, o Brasil também pretende com esta expedição fazer parte do Tratado da Antártida, documento de cooperação internacional firmado em 1958 e que possui hoje 14 membros "consultivos" e 14 membros "aderentes", entre estes o Brasil. Para ter direito a voto no Tratado é preciso per-

tencer ao rol dos membros consultivos e, para chegar a esta posição, basta que qualquer país mostre seu interesse instalando bases e realizando "substancial atividade de pesquisa científica" de acordo com o próprio Tratado. De início, o país apresenta um projeto viável e inédito, ficando ao encargo do Comitê Científico para Pesquisa Antártida (SCAR), aprovar a admissão do país como membro consultivo.

A organização das entidades responsáveis pelos assuntos antárticos brasileiros não está ainda muito clara. Em 1975, quando o Brasil mostrou pela primeira vez interesse em pertencer ao Tratado da Antártida, reuniu-se um grupo de estudos para implementar os trabalhos a serem realizados no continente branco. Deste grupo de estudo surgiram dois projetos: um do já existente CIRM, que será apenas um colegiado de representantes do governo e ficará voltado para o aspecto político da exploração. O outro é o Instituto Antártico Brasileiro, órgão ainda não existente, que executará a política adotada pelo CIRM.

Segundo disse ao **Campus** uma alta fonte das Forças Armadas ligada à expedição, os organismos ligados ao projeto de exploração da Antártida serão subsidiados por órgãos

públicos já existentes, desvinculados da área militar. Mostra-se com esta atitude uma preocupação eminentemente política de que o ingresso do Brasil no Tratado seja consoante com seu espírito que proíba qualquer tipo de ocupação militar da área.

CORRENTES

As três correntes que começam a tomar corpo face à possível renovação do estatuto jurídico do Tratado, que expira em 1991, são as seguintes: divisão setorial, feita através da projeção dos extremos do território dos países próximos em forma de cone com o vértice no Pólo Sul; internacionalização, que é a não delimitação territorial, todos podendo instalar bases desde que para fins científicos; e o condomínio, para o qual seria necessário uma organização central. Na realidade, ninguém sabe ao certo o que acontecerá em termos de divisão territorial da Antártida. Embora as três correntes tenham seguidores, nenhuma está legitimada.

A primeira expedição brasileira à Antártida sairá em dezembro de 1982 e vai durar apenas o período de verão austral, aproximadamente dois meses. Composta por dois navios — o *Barão de Teffé* e o *Professor Bernard* —, a expedição conta com a participação de pesquisadores da área científica e de pessoas que já es-

tão engajadas de alguma forma nos projetos. As universidades que estarão realizando pesquisas são: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS), a Universidade do Vale do Rio dos Sinos Iunissinos, o Instituto Oceanográfico da USP, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Tudo o que foi elaborado até hoje está escrito no documento intitulado "Programa Antártico Brasileiro", que compreende pesquisas principalmente nas áreas de Biologia Marinha, Oceanografia, Meteorologia e Geologia, entre outras. Também faz parte do programa a educação e treinamento de profissionais, além de apoio logístico. Em termos científicos, existem indicações que o Brasil reúne mais capacitação tecnológica na área de Biologia Marinha.

A data provável da instalação de uma base brasileira na Antártida fica entre os anos 1985, 86 e 87. Não se tem ainda informações precisas quanto ao local da base, posto que será uma cuidadosa decisão política. Também nos próximos anos o Brasil reúne chances de tornar-se membro consultivo do Tratado da Antártida. Assim, para contribuir mais para tal objetivo, a cada ano sairá uma expedição brasileira rumo à terra do gelo. (Ana Lúcia Guimarães)

Cernicchiaro quer uma Constituição mais respeitada

"A mudança na redação da Constituição da República, por si só, nada representa. Não basta uma mera alteração normativa. Antes de tudo, é certamente o principal, é garantir-lhe eficácia, ou seja, que o sistema seja respeitado e cumpridos os respectivos preceitos". Esta é a opinião de Luiz Vicente Cernicchiaro, presidente do TRE e professor de Direito da UnB. Ele afirmou, também, que se as mudanças atenderem à vontade da coletividade, serão proveitosas, mas, "se assim não o for, substancialmente, teremos apenas mais uma emenda Constitucional".

Segundo Cernicchiaro, a Constituição Brasileira é prolixa. Ao lado das chamadas "normas constitucionais" — relativas à organização do Estado e aos valores inalienáveis que, hoje, a consciência universal não admite serem relegados — existem "normas da Constituição", assim denominadas porque foram incluídas na Lei Maior. Em sua opinião, esses aspectos deverão ser solucionados. Todavia, acrescentou: "É imprescindível que nenhuma conquista social seja enfraquecida se disciplinada agora por lei ordinária".

CONSTITUIÇÃO AMERICANA

Sobre a possibilidade de o Brasil vir a adotar uma Carta sucinta como a dos Estados Unidos, por exemplo, que contém apenas sete artigos e permanece inalterada desde a sua criação, o presidente do TRE afirmou que não acredita que o transplante da Constituição Americana seja a solução. Conforme explicou, cada Estado tem sua particularidade e, ainda que se enxugasse o texto, reduzindo-o a poucos artigos, as diferenças econômicas-sociais continuariam a existir entre os dois países. E continuou: "Antes de buscar um modelo, urge sentir-se a realidade nacional. A estabilidade da Constituição norte-americana não reside na sua extensão. Ela não é causa, mas

efeito. O progresso conferiu àquele povo um padrão de vida que inexistia no Brasil; por isso, lá prevalece a vontade de manter a situação, ao contrário do que acontece entre nós.

O professor Cernicchiaro acredita que, como das vezes anteriores, a participação da classe jurídica na mudança da Constituição será apenas relativa. A decisão será tomada pelo Congresso Nacional. Continuando, disse que "os juristas representam uma parcela da sociedade brasileira, devendo ocupar o espaço que lhes é próprio e postular ao lado de outras camadas a consagração do melhor".

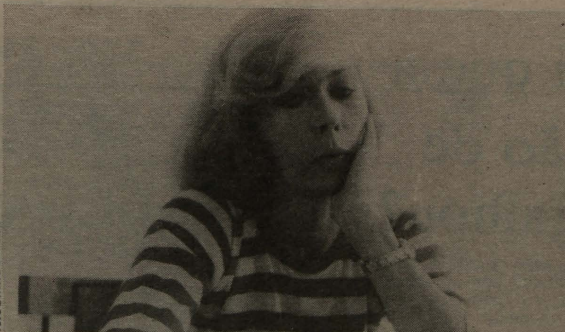
Caso fosse convidado a opinar nas mudanças, Cernicchiaro admitiu que "como presidente do TRE do DF, reclamaria o retorno da representação política para Brasília". E explicou: "Não faz sentido que uma cidade que tem o sexto maior colégio eleitoral entre as capitais brasileiras, continue sem possibilidade de exercer o direito de cidadania. Não diviso nenhum inconveniente porque Brasília é a sede do governo federal".

Para o professor de Direito, a democracia se caracteriza pela divergência de opiniões. As cidades congêneres elegem seus representantes e nenhum obstáculo intransponível ocorre. Os exemplos de Washington, México e Caracas são estimulantes. E concluiu: "Além do mais, em momentos de abertura, como se diz, ninguém deve ser impedido de votar".

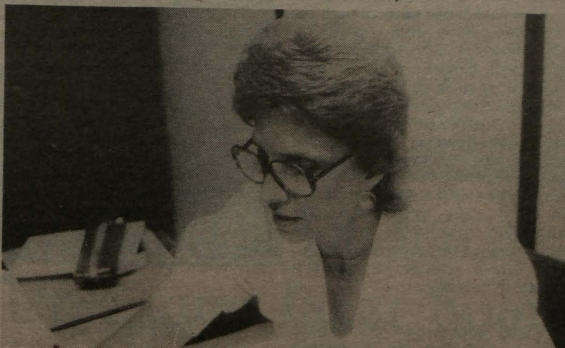
Para Cernicchiaro, a sucessão legislativa não pode ser simplesmente formal. E para que haja estabilidade cumpre existir correspondência com os anseios da sociedade. Caso contrário, afirmou, "constantemente ocorrerão modificações, sem expressão de idéia dominante. E toda reforma constitucional deve representar progresso, jamais retrocesso". (James Gama e Miréa Santos).

Terezinha Silveira

Terezinha Silveira



Para Iduna, primeiro deve-se conhecer a Carta e depois mudar a sua redação



Apenas mudança na redação é insuficiente, afirma Maria Christina da UnB

Mudar só redação da Carta é pouco

A professora de Língua Portuguesa da UnB, Maria Christina Leal, não concorda inteiramente com as declarações do presidente Figueiredo sobre o seu desejo de que a Constituição seja menos prolixa em adjetivos e advérbios, com a finalidade de torná-la mais objetiva. Segundo a professora, o presidente não foi muito feliz nas suas colocações, pois não é possível fazer uma mudança redacional eliminando-se totalmente uma classe de palavras.

Para Maria Christina, a Constituição deve ser redigida com o predomínio do que se chama função referencial da linguagem, isto é, uma função puramente informativa e objetiva, isenta do apelo e da emoção. E completou: "Não é a eliminação de qualquer classe de palavras que

deixará mais objetiva. O que deve haver é uma economia dos termos modificadores, ou seja, dos adjetivos e advérbios".

LINEAR

Sobre o texto da Carta, a professora é de opinião que ele seja o mais linear possível, pois os textos de lei que possuem uma leitura polissêmica, isto é, de várias interpretações, tornam-se de difícil aplicação. Ele pode ser manipulado de acordo com os interesses pessoais fugindo da essência da lei.

O mais importante, porém, para Maria Christina, é que não haja apenas uma mudança redacional, mas que se faça uma mudança substancial no teor da Constituição. (James Gama e Miréa Santos)

A Lei Maior precisa ser mais divulgada

Do ponto de vista jurídico, a professora de Direito Constitucional da UnB, Iduna Evangelista Weinert, é de opinião que a Constituição deve ser concisa e genérica pela natureza de sua abrangência e que dela devem ser retirados os dispositivos que não tratam de matéria constitucional, ou sejam, aqueles que tratam de assunto regimental e legal.

Para Iduna, a Constituição Brasileira, se tornou prolixa e discriminada nos seus preceitos, perdendo suas características principais e qualquer coisa que se faça para melhorar o seu texto é válido. No entanto, acrescenta que primeiro deve-se conscientizar o povo da existência da Carta e depois se preocupar com o português, pois ocorre que muitas vezes o povo brasileiro nem sabe que existe um texto constitucional. "Falta um trabalho de esclarecimento, não apenas da existência da Constituição, como também da sua importância".

PARTICIPAÇÃO

Para a mudança redacional a professora acha imprescindível a participação dos profissionais da área jurídica, a fim de que o texto tenha um caráter técnico-jurídico e sua linguagem seja adequada, embora concorde que profissionais de outras áreas também devam dar sua contribuição.

Questionada sobre o que fazer para que exista uma estabilidade constitucional, Iduna respondeu que a característica de durabilidade e credibilidade vem como decorrência e não como imposição: "Ela é efeito e não causa". Quanto à convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, ela disse que se uma Constituinte "for eleita com os mesmos vícios de uma eleição como a de novembro, irá incorrer nos mesmos erros". (James Gama e Miréa Santos)

Reformar mesmo na derrota

A reforma da Constituição é um assunto que voltou a ser discutido, inclusive nos meios governamentais, depois que o presidente João Figueiredo resolveu abordar o tema, até então considerado tabu. Apesar de Figueiredo condicionar essas mudanças à obtenção da maioria parlamentar pelo seu partido no futuro Congresso e de destacá-las apenas quanto ao aspecto redacional dos textos, este é um tema que seguramente tomará o fôlego dos trabalhos legislativos a que se encarregará o Congresso Nacional no próximo ano.

A atual Constituição foi editada em 1969 pela Junta Militar e sofreu, ao longo dos

anos, uma série de emendas — até agora 22 — que a transformaram numa verdadeira colcha de retalhos. A rigor, apenas os artigos que dizem respeito à manutenção do Regime Federativo e Republicano são imutáveis. Os restantes podem ser alvo de mudanças.

Sem passar julgamento sobre a legitimidade do colegiado ser eleito em novembro de elaborar uma nova Constituição — uma vez que as eleições se realizarão à sombra de inúmeros casuismos e da Lei Falcão — é imprescindível que uma reforma ocorra mesmo sem a maioria pedessista e, melhor até, que ela venha por consenso interpar-

tidário, pois assim diminuiria a hipótese dela sofrer novas reformas por não representar o consenso geral.

A reforma da Carta não pode estar ligada ao resultado das eleições e nem apenas aos interesses do Executivo, mas sim aos anseios de toda a sociedade brasileira. Para isso é preciso que o Legislativo seja forte o suficiente para resistir às pressões que possam vir, e que a reforma não se dê apenas a nível redacional como sugeriu o presidente ("Constituição menos prolixa em adjetivos e advérbios"), pois esta é uma ques-

tão técnica que cabe aos juristas e professores de língua cuidar.

DURADOURA

A necessidade não é a de tornar a Constituição mais sucinta e "menos redundante e mais objetiva", conforme quer o presidente, mas sim que seja duradoura, senão por 200 anos como a Constituição Americana, mas pelo menos por mais alguns governos. E que ela não mude tão facilmente, de acordo com conveniência do momento, mesmo porque a Lei, e todos a cumprem, prevê que o Presidente da República, ao tomar posse, jure manter a Constituição.

Toda essa onda de revisão na Carta deve, no entanto, ser olhada com muito cuidado, pois o interesse do governo pode ser apenas o de conquistar alguns eleitores com uma bandeira já antiga e defendida ardentemente pelo PMDB. O governo estaria, assim, tirando apenas mais um trunfo do adversário. Nunca tantas vezes governamentais se levantaram para defender a revisão não só da Constituição mas também da Lei de Segurança Nacional, e até da Lei de Imprensa, coisa antes "proibida". O importante, no entanto, é que o tema voltou a ser discutido. (James Gama)

Onde foi que a Comissão de Cultura falhou?

A Comissão de Cultura do DCE, criada pela atual diretoria há quase um ano, chega ao final de 82 com uma imagem bastante positiva perante os artistas da UnB e os estudantes mais politizados. Não obstante, sofre de uma doença crônica da qual não consegue se livrar: o "Mal do Esvaziamento". Se por um lado a Comissão conseguiu promover mais atividades culturais que as três diretorias anteriores do DCE Livre juntas; por outro, não conseguiu sensibilizar o universitário a comparecer as suas atividades exceto quando trazia "estrelas" do porte de Oswaldo Montenegro ou Mercedes Sosa.

Quais as causas da doença da Comissão de Cultura? Por que o estudante não comparece às promoções? A culpa seria da própria Comissão, que não realiza atividades realmente interessantes, ou do estudante, que é alienado? Para tentar responder estas perguntas o *Campus* convidou para um debate a própria Comissão de Cultura; o diretor Cultural da UNE, Fernando Trindade, e os candidatos a diretor de Cultura das cinco chapas que concorrem ao DCE. Além dos três membros mais ativos da Comissão, Marcelo Montiel (Arquitetura), atual diretor do DCE, Cândida Maria de Mello (Biologia), candidata à diretoria de Cultura pela chapa Semear, e Catarina Guerra (Comunicação), só compareceu ao encontro o candidato da chapa Transformação, Carlos Roberto Bergamashi (Letras).

ENVOLVIMENTO

De janeiro para cá, quase 50 pessoas envolveram-se de algum modo com a Comissão de Cultura, mas apenas quatro ou cinco de forma permanente. Por que o estudante não quis envolver-se muito na Comissão? Nenhum dos quatro presentes apontou claramente o diagnóstico para a doença, apesar de encontrarem diversos sintomas e de Carlos Roberto, da Transformação, não ter arriscado uma receita para o "Mal da Alienação": mais debates e maior entrosamento com a comunidade.

mação, não ter arriscado uma receita para o "Mal da Alienação": mais debates e maior entrosamento com a comunidade.

Marcelo Montiel explicou que usou de todos os artifícios para levar o estudante para dentro da comissão, bem como para as atividades. Divulgou tudo, promoveu debates com os convidados, mas nada adiantou. "O estudante só prestigiou as estrelas", complementara Cândida Mello, da Semear. Cândida lembrou ainda que foi realizado um mapeamento cultural para saber das potencialidades artísticas da UnB e das preferências culturais do estudante, mas esse mapeamento terá que ser refeito, pois foram poucos os questionários devolvidos.

Ficou constatado no debate que o trabalho da Comissão deixou muito a desejar quanto ao questionamento cultural, mas todos concordaram que somente com muitas atividades, e com o seu consequente fortalecimento o debate será satisfatório. Foram levantadas algumas outras questões interessantes, como o papel da comissão; ser composta pelos artistas ou apenas apoiar os artistas. Quanto a isso, não se chegou a uma conclusão.

No final, depois de uma hora de papo, muito discurso, algumas divergências e poucas conclusões, os quatro presentes chegaram ao consenso de que a Comissão de Cultura é importante; e que somente através dela o DCE, seja lá que diretoria for, conseguirá desenvolver um trabalho cultural satisfatório dentro da Universidade. E que, para que a Comissão dê certo, por sua vez, tem que ter continuidade no trabalho, independentemente da diretoria que esteja no DCE. E ficou um aviso dos seus membros — quase em tom de ameaça — de que ela vai continuar, seja lá qual for a chapa vencedora. (Hugo Studart)

"DCE não faz a cabeça"

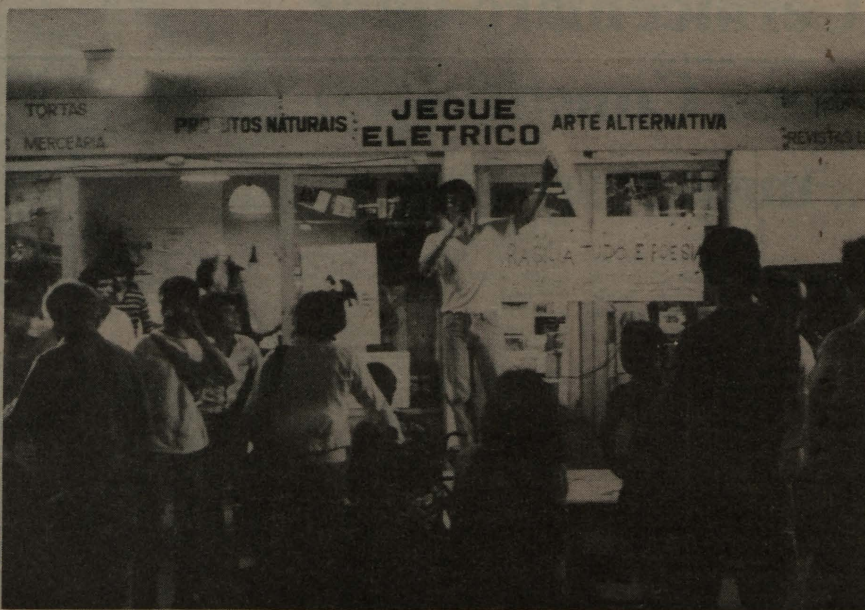
O debate, em si não foi dos mais substanciais, mas o papo entre a Comissão de Cultura e os candidatos ao DCE teve momentos bastante interessantes, especialmente os polêmicos, polarizados entre Marcelo Montiel e Carlos Roberto Bergamashi.

— Se continuarmos a convidar pessoas de fora para debates que a própria comunidade ainda não realizou, acho que o vazio vai continuar. Se você não está discutindo os problemas políticos, como é que se vai introduzir um processo de debate cultural que queira questionar as coisas? (Carlos Roberto).

— Então você acha que não deve haver debate cultural, só político? (Montiel).

— Não! Apenas acho que para se saber o que vai atrair o público, você tem que consultar o universitário. As propostas têm que partir de dentro da universidade (Carlos Roberto).

— Esse esquema de dominação político-cultural-ideológico na universidade demonstra o baixo nível de informação do estudante. O que se percebe é um discurso muitas vezes transformador ou revolucionário, mas articulado a partir de ideias retrógradas. E você não tem como mudar isso partindo de uma comissão de cultura, de uma direção do DCE ou mesmo de um novo grupo. DCE não faz a cabeça de ninguém. Para mudar essa estrutura, só uma grande transformação cultural (Montiel).



Com muito lirismo e poesia, a festa definiu reuniões quinzenais

Cantiga de roda na Sala Martins Penna

Quem gosta de música, dança e cantigas de roda, terá uma boa opção no próximo fim de semana (de 29 de outubro a 2 de novembro), quando o Grupo Leite e Mel do Cerrado Dança Teatro apresentará a peça *Maria Cantiga de Roda*, na Sala Martins Penna, do Teatro Nacional.

No início deste ano, a peça, de autoria de George Duarte (estudante de Pedagogia - UnB), ganhou o prêmio *Projeto Criança*, da Fundação Cultural do Distrito Federal, que está apoiando a montagem e divulgação do espetáculo.

O musical destina-se especialmente ao público infantil-juvenil e conta a história das irmãs Maria (Cláudia Andrade, estudante de Comunicação - UnB) e Esmeralda (Beatriz Serra, formada em Comunicação, também pela UnB), que disputam o amor do Moço (George Duarte). Maria, a irmã mais nova, para se casar precisa romper a tradição de que deveria aguardar o casamento da irmã mais velha. Esmeralda, interessada na mesma pessoa, aparentemente cede, mas em troca exige certos sacrifícios de Maria. O final, segundo a atriz Cláudia Andrade, "só mesmo vendo". A direção é de Rogéria Timo.

Na proposta da peça importa sobretudo a tentativa de relembrar e reviver tradicionais cantigas de roda que, adaptadas, servem de elos à trama romântica — e até mesmo dramática — criada pelo autor. Para tanto, integram o grupo, além de menestrelis, um violonista, um sanfoneiro e um percussionista. (Ricardo Bandeira)

Poetas independentes: o Primeiro Encontro

O que é poeitar? Se você não sabe perdeu uma ótima oportunidade de saber, assistindo o 1º Encontro de Poetas Independentes de Brasília, realizado dia 15, em frente ao Teatro Dulcina. As 18h 30m, pontualmente, a poesia candanga subiu ao palco, foi colocada num grande varal e teve como fundo musical um som tão independente quanto independentes eram os poetas presentes.

A palavra de ordem era: "Brasília, tudo é poesia". E pelo menos durante aquelas três horas, Brasília realmente foi poesia. Não faltaram apelos — faça viva a poesia candanga —, nem frases como esta do poeta François de Goes: "Brasília, poesia Brasília, Brasil". A partir daí o que se viu foram "Tributos à Vinícius de Moraes", "Sonetos" e até "Poemas em TV" sendo recitados a plenos pulmões com amor, coragem, ironia, entusiasmo e raiva também.

O poeta Jorge, hoje mais conhecido como Jabe, em sua nova fase poética, imprimiu tanta força às suas palavras que chegou a cuspir no final destes versos: "Que queres de mim? Uma África? Uma afta? Uma África? Uma afta? Sou negro, pô, e daí" — Daí o aplauso entusiasmado de todos e a expressão de aprovação do pintor Sílvio Martins, do Pedregal, que ao ouvir Jabe recitar comentou: "Esse cara entende das coisas, né, Dona? Pro próximo encontro eu também tô bolando fazer uma poesia. A poesia é uma beleza".

INSPIRAÇÃO

Já Felipe Maravalhas, menino de apenas 7 anos, ao contrário de Sílvio Martins, resolveu não esperar pelos próximos encontros; aproveitou a inspiração que pairava no ar para escrever: "Voz bonita e lavada para todos! Para animais e insetos, menos demônios". Para João Teixeira Filho, que estava assim do jeito

que o diabo gosta, o encontro não poderia ser mais produtivo. Do alto de sua cadeira de rodas, lutando contra o efeito das pingas que havia tomado, não deixou por menos, e soltou o verbo: "Eu e meu cavalo vivemos cansados. Mas sei meu bem que um dia lhe encontramos". Não satisfeito, arriscou mais um: "Não sou poeta, mas lhe digo assim: Da moto nasce a roseira, do jardim nasce o jasmim e em sua casa nasceu seu pai sua mãe que criou você pra mim".

Todo satisfeito, João ficou ali com o mesmo ar de encantamento de Agostinho Quintino de Medeiros, que veio da Candangolândia especialmente pra ver de perto os poetas. "Eu vi a chamada deste Encontro num programa de TV e me mandei pra cá. Eu gosto muito de poesia e aqui tô esquecendo a minha solidão e o meu desespero".

APOIO

O 1º Encontro de Poetas Independentes de Brasília foi tudo isto e promete muito mais se continuar contando com o efetivo apoio da Fundação Cultural do DF, do Departamento Cultural da ARUC; com o patrocínio do Jêgue Eletrônico, e com o empenho de poetas como Robson Silva e Zunga, que além de versos têm mil ideias para transformar a poesia de Brasília.

Idéias que surgiram neste primeiro encontro, como a criação de uma Praça do Poeta; formação de uma banca de poesias na Torre de TV; e participação no Projeto Platéia, que daria início a um trabalho de base junto aos jovens da cidade. Mas uma coisa ficou bem definida: a partir de agora os encontros dos poetas serão quinzenais, sempre em frente do Teatro Dulcina, no Conjunto Conic. Para quem ainda não sabe o que é poeitar, o próximo encontro será no dia 12 de novembro. (Mara Régia).

O professor solta o verbo e conta a sua

Acaba de ser lançado o livro **Conta, Professor**, volume 11, coletânea dos melhores contos escolhidos no concurso do Sindicato de Professores do Distrito Federal. Um dos premiados, William Jacques Pereira Santiago, estudante de Comunicação na UnB, comparece com o conto **A Obra**



William Jacques

e, em entrevista ao **Campus**, afirma que não veio para Brasília ao acaso. Ele acredita no futuro artístico da capital e pretende participar da produção de uma arte que identifique com a nova cidade.

Dizendo ter procurado refletir a falta de expectativa existencial de um operário que vive e morre da imaginação e do sonho, William ressaltou a importância do concurso como estímulo à escrita e oportunidade de divulgação.

OPRESSÃO

Mesmo que não possa fugir às influências de sua formação, William se preocupa em falar sobre o lugar em que está, compreender a realidade que o cerca. Tanto assim que escreve **Contos de Brasília** para um jornal interiorano **Município de Pitangui** (Minas Gerais), como também, quando, a serviço do Itamaraty, esteve na Arábia Saudita, escrevia **Letras da Arábia** e depois, da Dinamarca, Kopenhague **Zero Grau**, também para aquele mesmo jornal de sua cidade de origem.

De um modo geral, procura detectar e retratar a cadeia de opressão em que vivemos. Em seu conto, por exemplo, pretendeu reproduzir um as-

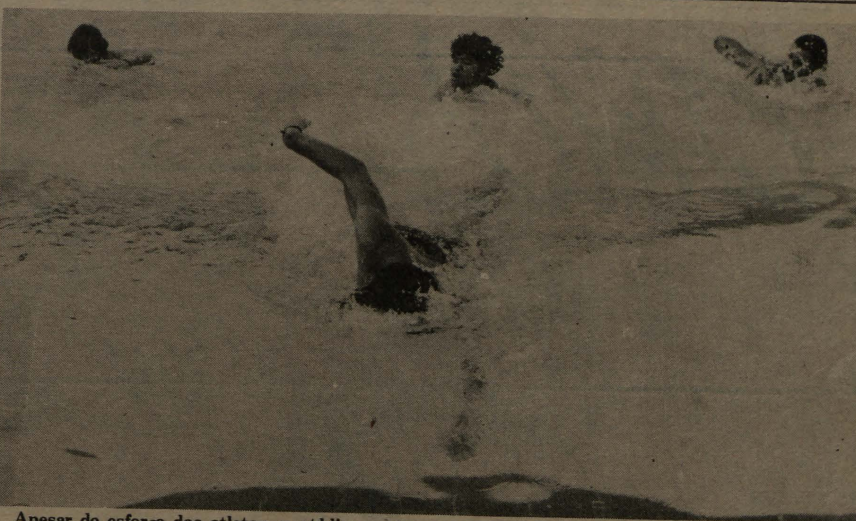
pecto do estágio atual da sociedade. "A dualidade opressor/oprimido existe, mas aceitá-la como inevitável é suicídio". Na prática, William propõe um "socialismo ideológico", por uma convivência harmônica, livre de interferências inibidoras.

"A única forma desculpável de opressão é aquela que caminha para a evolução, e não com a revolução, pois tudo que se conquista na força só pode ser mantido com a força". Coerentemente, adota também uma posição anti-machista, criticando o homem brasileiro. Em busca de um resultado positivo, William concorda com o aproveitamento de todas as experiências possíveis.

Acrescenta que, efetivamente, o homem aprende com o sofrimento, com avanços e recuos, e, a despeito disso, o mundo tende a melhorar.

Formado em Letras pela UFMG, William atualmente é professor da fundação educacional. Inclui em seu trabalho desde conto, crônica, poesia, teatro, até um romance, já em fase de finalização. Alada a sua experiência invulgar, pode-se citar uma vasta leitura, na qual se destacam Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e entre os escritores de língua estrangeira, Henry Miller.

O livro **Conta, Professor** pode ser adquirido no Edifício do Professor (Setor Comercial Sul) ou com os próprios autores ao preço de Cr\$ 300,00. (Ricardo Bandeira)



Arquivo

Apesar do esforço dos atletas, o público costuma não comparecer em massa às competições.

IX JUDF

UnB quer fazer bonito de novo

Os IX Jogos Universitários do Distrito Federal são coordenados e organizados pela Federação Atlética Universitária de Brasília (FAUNB). O objetivo dos jogos, os únicos deste porte na cidade, é basicamente dar condições ao atleta brasileiro para aprimorar seu nível técnico, ao mesmo tempo em que permitem aos treinadores selecionar atletas para os Jogos Universitários Brasileiros.

A UnB vai participar de todas as modalidades dos Jogos Universitários que começam no próximo dia 31, reunindo para isso cerca de 250 atletas. Seja pelo número de seus estudantes — o maior dentre as universidades do Distrito Federal —, seja pelo melhor nível técnico, a Universidade de Brasília sempre se saiu muito bem nos JUDF, desde sua criação em 1974. No ano passado, por

exemplo, a UnB venceu 14 das 23 modalidades que disputou.

FRIEZA

Apesar da importância do evento e das poucas chances que o brasileiro tem de assistir qualquer modalidade de esporte, o torneio em geral não conta com o apoio da população. Segundo o professor Iran, diretor técnico da Associação Atlética Acadêmica da Universidade de Brasília (AAAUnB) e coordenador dos JUDF, a falta de receptividade é devido à própria frieza natural da cidade, que se agrava com a pouca divulgação e com a dificuldade de acesso aos locais dos jogos. Mas apesar da desorganização, que é constante no esporte amador brasileiro, os jogos serão realizados com o apoio do GDF e DEFER, que concederam toda

a premiação, e da UnB e outras instituições de ensino superior que concederam instalações, facilidades médicas e toda a infra-estrutura para a realização dos jogos.

Na realidade, o problema é a falta de consciência para o esporte amador no Brasil. Fora do eixo Rio-São Paulo, onde já existe organização suficiente para este setor, o esporte amador em geral e o universitário em particular, não encontram respaldo para sua sobrevivência. Existem atualmente em Brasília alguns "focos de vida", que são os clubes, a base do desporto amador na cidade. A partir dos clubes, os atletas têm alguma possibilidade de lutar por mais espaços e, através desta luta, formar a consciência da comunidade visando a reabilitação do esporte amador em Brasília. (Maria Luísa)

Agenda cultural

CINEMA

A Morte de uma Terrorista — dias 27 e 28 de outubro às 21h e dia 31 de outubro (domingo), às 16h. Na Embaixada da França. Entrada franca. O filme possui legendas em português.

Meu Tio da América — de Alain Resnais. No Cine Brasília, de 25 a 31 de outubro.

Manhattan — de Woody Allen. No Cine Brasília, de 1º a 7 de novembro.

Stromboli — de Roberto Rossellini. Com Ingrid Bergman. De 26 a 31 de outubro. Sessões: de terça a sexta às 20:40h. Sábado e domingo às 18h, 20h e 22h. Na Cultura Inglesa.

Ivan, O Terrível II Epoca — de Eisenstein. De 2 a 7 de novembro. Sessões: de terça a sexta às 20:40h. Sábado e domingo às 18h, 20h e 22h. Na Cultura Inglesa.

Esse Obscuro Objeto de Desejo — de Luis Buñuel. De 9 a 14 de novembro. Sessões: de terça a sexta às 20:40h. Sábado e domingo às 18, 20 e 22h. Na Cultura Inglesa.

MUSICA

Projeto Pinxiguiha — Dias 29 e 30 de outubro, João do Vale, Milena e Bolo de Feira. Dias 5 e 6 de novembro, João Donato e Alalde Costa. No

Teatro Escola-Parque às 18h. Ingresso Cr\$ 200,00 (preço único).

1º Candango — Festival Cantares de Brasília — Duas Categorias: música popular e música erudita. Cr\$ 518.000,00 em prêmios. Inscrições até 8 de novembro, na sede da Ordem dos Músicos do Brasil/Seção DF. Semifinal no dia 30 de novembro, e final no dia 1 de novembro, no Teatro Escola-Parque.

TEATRO

Pedro e o Lobo — texto de Serge Prokofiev, em livre adaptação do Grupo Cabeças. Direção de Guilherme Reis. Com Aluisio Batata, François Fourton. Somente aos sábados e domingos às 16h no Teatro da ABO (L-2 Sul Quadra 616). Ingressos Cr\$ 400,00 (preço único). Até 31 de outubro.

Boa Noite, General — de João Vianney. A partir de 28 de outubro no Teatro Dulcina, às 21h.

Maria Cantiga de Roda — de George Duarte, com o grupo Leite e Mel do Cerrado. De 29 de outubro a 2 de novembro, às 21h na Sala Martins Penna (Teatro Nacional). Censura Livre. Ingressos: Cr\$ 500.

ARTE

IV Salão Universitário do Distrito Federal — Inscrições

até 29 deste mês na Biblioteca Central da UnB, onde será realizada a exposição, abrangendo desenho, pintura, gravura, técnicas mistas, escultura objetos e audiovisual. O IV Salão estará aberto de 8 a 11 de novembro. Poderão participar todos os alunos das escolas de nível superior do Distrito Federal.

POESIA

Com o intuito de promover um maior entrosamento entre os poetas e a formação de um roteiro de shows em escolas de 2º grau, todos os domingos há reuniões às 14h, na SQN 216 - Blc. H - Apto. 119, fone: 272-5054. Se você escreve pinte lá.

FOTOGRAFIA

Exteriores — 15 países na visão de 13 fotógrafos. Em exposição na Biblioteca Central da UnB; de 25 de outubro a 5 de novembro. No dia 10 de novembro haverá um debate sobre a mostra, às 10h no Departamento de Comunicação.

FESTA

Festa da Lua Cheia — O C.A., da Geologia promove em 6 de novembro, sábado, festa regada a vinho, cerveja, e frutas, na chácara próxima à Fazenda Água Limpa da UnB. Convites na Geologia e no Bandejão.

Classificados

Gravador

Vendo tape deck de mesa. National dolby, controles deslizantes por 35 mil. Sem uso. Tratar com Fernando. Tel: 243-2406, à noite.

Encadernação

Capa dura e escrita em ouro. Entrega rápida e trabalho artesanal. Eduardo, tel: 273-9069, à noite.

Aula particular

Introdução à Física e Cálculo I. Procurar Deosimar ou Laudo na sala 106, conj. 1. Ao lado do Lab. de Introdução à Física.

Temporada

Aluga para temporada casa em Porto Seguro, BA. Tratar c/ Estelina. Tel. 226-0505 ou 568-1979.

Baby-sister

Psii! Se você quer sair à noite não tem com quem deixar seu filho, ligue para Luciene, estudante de Comunicação da UnB, nos seguintes telefones: manhã e noite, 272-0000 R/2254; à tarde, 225-9105 R/354. Grande experiência.

Palhacinha

Hoje é aniversário do seu filho ou filha? Então faça algo diferente para ele ou ela. Contrate os serviços de Luciene Assis da Comunicação da UnB, para animar a festa como a Palhacinha Lulinha. Informações pelo telefone 225-9105 R/354, na parte da tarde.

Convite

A "Associação Hispano-Americana de Estudantes" quer a participação de todos os interessados em suas atividades esportivas, culturais, científico-tecnológica e médico-assistenciais. Ligar para 226-0638, falar com Francisco ou Damelis.

anuncie

Para que seu classificado chegue ao Campus deposite seu anúncio nas urnas existentes no Bandejão e nas entradas Sul e Norte. Máximo de 30 palavras. Sai de graça. Indique quantas vezes você quer que o anúncio saia.

BARTO

PELA REFORMA AGRÁRIA,
AMPLA E IRRESTRITA;
PELO FIM DA
LEI DE SEGURANÇA
NACIONAL; ABAIXO
A REPRESSÃO, ABAIXO
O ARBITRÁRIO;
POR MELHORES
SALÁRIOS; SALÁRIOS
JUSTOS!...

POR UMA
ASSEMBLEIA
NACIONAL
CONSTITUINTE!

TSL,
TSL!

BANG!

TUDO OK,
CHEFE

28/08/12